



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ALINE MIYUKE MIYAMOTO

**SUJEITO PLENO NA PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR EM
QUATRO LOCALIDADES BRASILEIRAS:
UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO COM DADOS DO
ALiB**

Londrina
2019

ALINE MIYUKE MIYAMOTO

**SUJEITO PLENO NA PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR EM
QUATRO LOCALIDADES BRASILEIRAS:
UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO COM DADOS DO
ALiB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Dircel Aparecida Kailer

Londrina
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

M685 Miyamoto , Aline Miyuke .
Sujeito pleno na primeira pessoa do singular em quatro localidades brasileiras:
: um estudo Geossociolinguístico com dados do ALiB / Aline Miyuke Miyamoto
. - Londrina, 2019.
88 f.

Orientador: Dirce Aparecida Kailer .
Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2019.
Inclui bibliografia.

1. Sociolinguística Quantitativa - Tese. 2. Teoria da Variação e Mudança Linguística - Tese. 3. Teoria de Princípios e Parâmetros - Tese. 4. Sujeito pleno - Tese. I. Kailer , Dirce Aparecida . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 8

ALINE MIYUKE MIYAMOTO

**SUJEITO PLENO NA PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR EM
QUATRO LOCALIDADES BRASILEIRAS:
UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO COM DADOS DO
ALiB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.a Dr.a Dircel Aparecida Kailer
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. André Luis Antonelli
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Prof.a Dr.a Fabiane Cristina Altino
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 08 de julho de 2019.

*A meus pais e minha irmã,
a ojichiyan (in memoriam) e obachiyan (in memoriam),
as pessoas mais preciosas para mim.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus: pela saúde, por todas as bênçãos, pelo conforto nas horas de angústia, por, todos os dias, estar comigo.

À minha orientadora, querida professora Dircel Kailer, por toda sabedoria compartilhada durante as orientações, pela paciência, pelo carinho, pelos “chás da tarde” e por toda a amabilidade que sempre dirigiu a mim.

Ao professor André Luis Antonelli, por todo conhecimento que adquiri durante as aulas de *Sintaxe Gerativa* na UEM, por socorrer-me na parte gerativa da pesquisa, pelas orientações, pelas leituras recomendadas e por ter aceitado fazer parte da banca de qualificação e de defesa. Outra vez, muito obrigada, suas contribuições foram muito mais do que “pitacos gerativos”.

À professora Fabiane Altino, pelo afeto, pelas valiosas sugestões desde o SEDATA, por participar da banca de qualificação e de defesa, pelas indicações de leitura, pela generosidade e pela atenção como coordenadora da pós-graduação.

À professora Jacqueline Botassini – também conhecida como “diva da Morfossintaxe” – que me acompanha desde o dia 07 de fevereiro de 2014. Meu carinho e eterna gratidão, obrigada por repartir este seu dom de ensinar; pela sua breve, mas fundamental orientação no início do mestrado, pelas sugestões de leitura, pelo empréstimo de seus livros... Um grande beijo (sempre com saudades de você).

À professora Vanderci de Andrade Aguilera, por todo o conhecimento partilhado durante as aulas de *Pesquisa Sociolinguística* e por ter sido o intermédio entre mim e a coordenação do ALiB ao solicitar a autorização para utilizar os dados.

Obrigada a todos os professores da pós-graduação do PPGEL, por contribuírem com minha formação.

Aos colegas de pós-graduação: Luiz Felipe, Michelli, Mariana, Myriam, Ana Carolina, Mayara, Josué, pelo companheirismo, pelas conversas e pelas risadas.

À secretária Rosely Fernandes Lopes e aos auxiliares de secretaria Rosemeri Francisquini Silvano e Ricardo Praia Müller, pela gentileza com que recebem os alunos na secretaria e por rapidamente atender aos nossos pedidos.

À Universidade Estadual de Londrina.

À equipe e à comissão do ALiB, pelo magnífico projeto e por conceder-me os dados para a realização desta dissertação.

À professora Charlotte Galves, pelos ensinamentos de Sintaxe Gerativa na Unicamp e pela solicitude em sanar minhas dúvidas.

Aproveito para agradecer aos meninos do Imecc (Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica da Unicamp), Luis Ernesto Portilla, Andrés Moreno Ospina,

Leithold Louis Aurazo, por “me levarem para cima e para baixo” dentro do *câmpus* da universidade, por cuidarem de mim. Ainda, obrigada à Yuliana Pérez, ao Leonardo Alves, à Emely Silva, ao Johannes Butzke, por também me fazerem companhia durante o semestre e à Júlia Lemos, por tudo que já foi dito e pela ajuda com o alemão.

À professora Maria Eugênia Duarte, pela atenção durante os congressos e por dividir seu imenso domínio sobre *Sujeito Nulo*.

Aos meus maravilhosos pais, Tosimasa Miyamoto e Marilza Miyamoto, por todo exemplo de conduta, pelo cuidado, pelo constante apoio. Sou grata por tudo! Agradeço também à Akemi Miyamoto, pelo incentivo como pesquisadora, por toda parceria de irmã, pela ajuda matemática no meu início na Sociolinguística e por ter me acolhido em Campinas. いつもありがとうございます。(Obrigada, sempre!)

Aos meus familiares, por toda compreensão no período de graduação e de mestrado, por perdoarem minha ausência.

Agradeço à Késia Cristina Morais, por toda amizade nascida na graduação e pelo incentivo frequente e à Cíntia Bicudo pelas mesmas razões, além de ter me “emprestado” seu lado geógrafa, auxiliou-me na criação dos mapas e dos gráficos.

Às amigas Laís Rye Hanashiro e Sofia Ribeiro de Morais, pelos anos de amizade e por sempre me animarem.

Obrigada à professora Elenir Voi Xavier, por compartilhar seu vasto saber de Língua Inglesa, pelas conselhos e por toda afeição.

Às minhas professoras de Língua Portuguesa, em especial, à professora Ilda Santos, à professora Kerli Nagahama e à professora Luísa Yoshikawa, pela torcida, mesmo de longe.

À Fundação Araucária, pela bolsa concedida a mim, por subsidiar este trabalho.

De coração, fica aqui meu agradecimento a todos que me ajudaram de alguma forma, embora não tenham sido citados.

“Meu caro amigo português, talvez essa ideia o irrite, mas a verdade é que, hoje, a sua língua é um patrimônio tanto nosso quanto seu. Sei que o trabalho e formá-la, assim bela e nobre, foi dos portugueses. Mas, também, já há quatrocentos anos que a amamos e a apuramos ao nosso modo.”

(Raquel de Queiroz, *Carta de um editor português*, 1955.)

MIYAMOTO, Aline Miyuke. **Sujeito pleno na primeira pessoa do singular em quatro localidades brasileiras**: um estudo geossociolinguístico com dados do ALiB. 88 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

RESUMO

Esta pesquisa está alicerçada nos pressupostos teóricos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) e da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1995). As línguas possuem Princípios e Parâmetros (doravante, P&P) (CHOMSKY, 1981, 1995), este corresponde às variações encontradas nas línguas e aquele rege as regras que são comuns a todas elas. Uma vez que qualquer indivíduo tem uma “Gramática Universal” — isto é, o conhecimento interno que habita no falante — toda língua natural é suscetível a variações, pois os falantes reconfiguram o processamento dos parâmetros (MIOTO; SILVA; LOPES, 2006). Ainda classificado como língua de sujeito nulo, o português brasileiro (doravante, PB) cada vez mais tem apresentado evidências de estar tornando-se parecido com línguas que precisam ter um sujeito preenchido. Propôs-se, com base em dados coletados pela equipe do Atlas Linguístico Brasileiro (COMITÊ, 2001), averiguar o uso do pronome pleno de primeira pessoa, em um *corpus* constituído de 32 informantes, distribuídos em quatro capitais – Florianópolis, Curitiba, Cuiabá e Campo Grande, de duas Regiões: Sul e Centro-oeste. Além disso, verificou-se a atuação das variáveis extralinguísticas e linguísticas, tais como, sexo (feminino/masculino), faixa etária I e II, grau de escolaridade (Ensino Fundamental/Ensino Superior), desinência verbal explícita/implícita. Para tanto, o tratamento dos dados foi feito por meio do Programa GoldVarb X (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001). A análise indicou que a variável localidade, grau de escolaridade e desinência verbal explícita/implícita são produtivas para este fenômeno.

Palavras-chave: sociolinguística quantitativa; teoria de princípios e parâmetros; sujeito pleno¹.

1 . Sujeito pleno: Quando há o preenchimento do sujeito.

MIYAMOTO, Aline Miyuke. **Overt subject in the first person of singular in four Brazilian localities:** a geossociolinguistics study with ALiB data. 88 p. Dissertation (Master's Degree in Language Studies) – State University of Londrina, Londrina, 2019.

ABSTRACT

This research is based on the theoretical assumptions of the Theory of Variation and Linguistic Change (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]) and the Theory of Principles and Parameters (CHOMSKY, 1995). The languages have Principles and Parameters (P&P) (Chomsky, 1981, 1995), this corresponds to the variations found in the languages and that rules what are common to all of them. Since every individual has a "Universal Grammar" - that is, the internal knowledge that inhabits the speaker - every natural language is susceptible to variations, since the speakers reconfigure the processing of the parameters (MIOTO; SILVA; LOPES, 2006). Still classified as a null subject language, BP has increasingly presented evidences that it is becoming similar to languages that need to have an overt subject. Based on data collected by the team of the Brazilian Linguistic Atlas (COMITÉ, 2001), it was proposed to investigate the use of the first person pronoun in a *corpus* of 32 informants, distributed in four capitals - Florianópolis, Curitiba, Cuiabá and Campo Grande, of two Regions: South and Center-west. In addition, we verified the performance of extralinguistic and linguistic variables, such as gender (female / male), age group I and II, educational level (Elementary School / Higher Education), explicit / implicit verbal ending. In order to do so, the data were processed through the GoldVarb X Program (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001). The analysis indicated that the variable locality, educational level and explicit/implicit verbal ending are productive for this phenomenon.

Keywords: quantitative sociolinguistics; theory of principles and parameters; overt subject².

2 . Overt Subject: When there is an expressed subject in a clause.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Visão dos pronomes conforme Bechara (2009 [1999]) e Camara Jr. (2011)	34
Tabela 2 – Visão descritiva sobre o quadro pronominal, com base em Castilho (2010).....	35
Tabela 3 – Amostra de Duarte (1995) de sujeitos nulos para a variável desinência verbal explícita/implícita	38
Tabela 4 – Total de ocorrências do estudo de Botassini (1998) para os pronomes <i>eu</i> e <i>nós</i>	39
Tabela 5 – Total de ocorrências para <i>eu</i> nos estudos de Botassini (1998) e Menon (2002) com relação à variável sexo.....	39
Tabela 6 – Amostra dos estudos de Botassini (1998) e Menon (2002) com relação à variável faixa etária.....	40
Tabela 7 – Amostra de Botassini (1998) com relação à variável grau de escolaridade.....	41
Tabela 8 – Codificação das variáveis extralinguísticas	53
Tabela 9 – Codificação das variáveis linguísticas	53
Tabela 10 – Ocorrências de sujeito pleno e nulo com relação à pessoa gramatical.....	58
Tabela 11 – Preenchimento da posição de sujeito com um antecedente	60
Tabela 12 – Plenos e nulos na primeira pessoa do singular <i>eu</i> com relação à variável marcação verbal	61
Tabela 13 – Ocorrências de sujeito pleno e nulo com relação à variável sexo.....	62
Tabela 14 – Ocorrências de sujeito pleno e nulo com relação à variável faixa etária.....	63
Tabela 15 – Ocorrências de sujeito pleno com relação à variável grau de escolaridade.....	64
Tabela 16 – Atuação da variável localidade para o uso do sujeito pleno <i>eu</i>	65

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Rede de pontos da Região Sul, conforme distribuição do Atlas Linguístico Brasileiro (ALiB)	45
Figura 2 – Mapa de Florianópolis	46
Figura 3 – Mapa de Curitiba	48
Figura 4 – Rede de pontos da Região Centro-oeste, conforme distribuição do Atlas Linguístico Brasileiro (ALiB)	49
Figura 5 – Mapa de Cuiabá	50
Figura 6 – Mapa de Campo Grande	51
Figura 7 – Distribuição de plenos e nulos em Florianópolis para ambos os sexos	68
Figura 8 – Distribuição de plenos e nulos em Curitiba para ambos os sexos	69
Figura 9 – Distribuição de plenos e nulos em Cuiabá para ambos os sexos	70
Figura 10 – Distribuição de plenos e nulos em Campo Grande para ambos os sexos	71
Figura 11 – Distribuição de plenos e nulos em Florianópolis para ambas as faixas etárias	72
Figura 12 – Distribuição de plenos e nulos em Curitiba para ambas as faixas etárias	73
Figura 13 – Distribuição de plenos e nulos em Cuiabá para ambas as faixas etárias	74
Figura 14 – Distribuição de plenos e nulos em Campo Grande para ambas as faixas etárias	75
Figura 15 – Distribuição de plenos e nulos em Florianópolis para o grau de escolaridade	76
Figura 16 – Distribuição de plenos e nulos em Curitiba para o grau de escolaridade	77
Figura 17 – Distribuição de plenos e nulos em Cuiabá para o grau de escolaridade	78
Figura 18 – Distribuição de plenos e nulos em Campo Grande para o grau de escolaridade	79

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	18
1.1 GRAMÁTICA GERATIVA	18
1.2 DEFINIÇÃO DE LÍNGUA-I E LÍNGUA-E	19
1.3 GRAMÁTICA UNIVERSAL.....	20
1.4 TEORIA DE PRINCÍPIOS E PARÂMETROS	21
1.5 O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO OU PARÂMETRO <i>PRO-DROP</i>	24
1.6 SOBRE A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA	27
1.7 SOCIOLINGUÍSTICA QUANTITATIVA LABOVIANA	29
2 SOBRE O SUJEITO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	31
2.1 ALGUNS TRABALHOS SOBRE SUJEITO PRONOMINAL DE PRIMEIRA PESSOA.....	37
3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	42
3.1 CONTEXTUALIZANDO O ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALIB).....	42
3.2 REGIÕES SELECIONADAS	44
3.2.1 Região Sul	44
3.2.2 Apresentação das localidades do Sul.....	45
3.2.3 Florianópolis	45
3.2.4 Curitiba	47
3.2.5 Região Centro-oeste.....	49
3.2.6 Exposição das localidades do Centro-oeste.....	50
3.2.7 Cuiabá	50
3.2.8 Campo Grande	51
3.3 CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> DESTE TRABALHO	52
3.4 CODIFICAÇÃO DOS DADOS.....	52
3.5 SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS.....	53
3.6 TRATAMENTO DOS DADOS	55
4 ANÁLISE DOS DADOS	57
4.1 RESULTADOS.....	57

CONSIDERAÇÕES FINAIS80

REFERÊNCIAS82

INTRODUÇÃO

Um fato já conhecido é que as línguas variam e mudam com o tempo. O PB era considerado língua de sujeito nulo prototípica, por apresentar uma morfologia verbal considerada “rica”, com desinências verbais para todas as pessoas (CASTILHO, 2010), assim como o espanhol e o italiano, permitindo a ausência de realização fonética de um pronome-sujeito.

Em sua formação, segundo Luchesi (2009), o PB foi moldado, de um lado, por uma elite com padrões do português europeu (doravante, PE), indivíduos com formação escolar, utilizando a norma culta da língua, pautados nos modelos da elite colonial e do Império. De outro lado, havia a maioria da população, suscetíveis ao contato linguístico, principalmente com línguas indígenas autóctones e de línguas africanas trazidas juntamente com os escravos.

Ao comparar um *corpus* composto por diálogos de peças teatrais de Minas Gerais/Brasil (PB) e Évora/Portugal (PE), da primeira e segunda metade do século XIX e primeira do século XX, Gravina (2014) afirmou que o PB parece ter perdido o preceito de “Evite Pronome” (DUARTE, 1995), pois apresenta preferência pelo uso do sujeito pleno e caminha para tornar-se de sujeito preenchido, assim como outros pesquisadores haviam atestado antes.

Em uma tentativa de encaixá-lo em uma categoria, o PB foi rotulado por alguns autores (HOLMBERG; NAYUDU; SHEEHAN, 2009; ROBERTS; HOLMBERG, 2010; DUARTE, 2018) de língua de sujeito nulo “parcial”, pois licencia a elisão de expletivos com verbos não argumentais, isto é, que indicam fenômenos da natureza (\emptyset Troveja); com verbos monoargumentais/intransitivos (desaparecer, viajar etc.) e em alguns contextos, por exemplo, em orações encaixadas/subordinadas (O menino disse que \emptyset vai à escola hoje). De acordo com Kato e Duarte (2014, p. 2), “o PB é uma língua de sujeito nulo parcial, no sentido de Holmberg, Nayadu e Sheehan (2009), mas esta não obedece a uma tipologia uniforme”.

Muitas pesquisas sobre o sujeito nulo foram realizadas, seja em um viés gerativo, seja por um viés sociolinguístico ou por ambos. Em uma perspectiva diacrônica, com pesquisas cujo enfoque é analisar a transformação da língua com o tempo, encontram-se trabalhos como de Duarte (1995) e de Gravina (2008, 2014);

há, também, estudos por meio de comparação de línguas, por exemplo, de Magalhães (2006), comparando o PB e o PE e, de Silva (2006, 2011), contrastando o PB e o espanhol e o de Marins (2009), entre o PB e o italiano, todos os estudos comungam do mesmo ponto de partida, averiguar se o PB se afastou de outras línguas românicas.

A hipótese que norteia este estudo é de que ocorrerá o predomínio do pronome pleno. Como objetivo geral, pretende-se verificar o uso do pronome pleno de primeira pessoa do singular, e, mais especificamente, analisar a atuação das variáveis linguísticas e das extralinguísticas no uso preenchido ou nulo, além de respaldar os resultados com outras pesquisas realizadas anteriormente.

Esta pesquisa se justifica porque, apesar de haver vários trabalhos sobre o sujeito nulo no PB, ainda há carência de estudos a respeito da primeira pessoa do singular, em que a desinência verbal identifica a pessoa gramatical – caso da primeira pessoa do singular – a única diferenciável no PB sem a presença pronominal.

A presente dissertação compõe-se de três capítulos: no primeiro, encontra-se a apresentação das teorias que fundamentam esta pesquisa – Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) e Teoria de Princípios de Parâmetros (CHOMSKY, 1995; no segundo, contém a metodologia do trabalho, as variáveis linguísticas e extralinguísticas, assim como o *corpus* com base em dados do ALiB (COMITÉ, 2001); no terceiro, a análise e, ao fim, considerações finais são feitas para o fechamento deste estudo.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresenta-se o quadro teórico que alicerça esta pesquisa, que é composto pela Teoria de Princípios e Parâmetros, de Chomsky (1981, 1995) e pela Teoria da Variação e Mudança, elaborada por Weinreich, Labov e Herzog em 1968.

1.1. Gramática Gerativa

A Gramática Gerativa nasceu para refutar o modo de aquisição de linguagem postulado pelo *behaviorismo* vigente na época. Inicialmente, a teoria behaviorista foi proposta pelo linguista Leonard Bloomfield e, mais tarde, continuou a ser desenvolvida pelo psicólogo Burrhus Frederic Skinner (KENEDY, 2013). Para o behaviorismo, o indivíduo adquire uma língua por exposição ao meio, ou seja, a linguagem é um produto de condicionamento social, a criança aprende a falar por causa do convívio social.

Em meados dos anos 50, o linguista norte-americano Noam Chomsky, com o apoio de outros linguistas do MIT,³ elaborou a chamada “Gramática Gerativa” ou também conhecida como “Gramática Gerativa Transformacional”, afirmando que a linguagem é inata ao indivíduo.

Antes da adição dessa teoria aos estudos, a corrente teórica vigente era o estruturalismo, tendo o europeu Ferdinand de Saussure e o estadunidense Leonard Bloomfield como nomes mais influentes, que “assumiam a premissa de que as ciências da linguagem tinham a função precípua de descrever as relações entre os elementos básicos de um sistema linguístico – os seus signos(morfemas, palavras) e as suas unidades distintivas (fonemas)” (KENEDY, 2015, p.11).

Apesar da corrente gerativa ter nascido para opor-se ao estruturalismo, Raposo (1992, p.36) afirma que:

A concepção racionalista não nega o papel do meio ambiente na aquisição da linguagem. Em primeiro lugar, a fala das pessoas que rodeiam a criança e as suas experiências verbais são determinadas para iniciar o funcionamento do mecanismo de aquisição, sem no entanto determinar as propriedades finais atingidas pelo sistema gramatical. Ou seja, sem estar imersa no ambiente linguístico, uma

3 . MIT (Massachusetts Institute of Technology)

criança não aprende a falar. Em segundo lugar, os meios linguístico, emocional e educativo são fatores que determinam o grau de desenvolvimento da linguagem pela criança sem que isso signifique, de novo, que determinam a direção do desenvolvimento ou o conteúdo final do sistema.

Ainda que reconhecesse “a importância do descritivismo estruturalista” (KENEDY, 2015, p.11), Chomsky propôs um método explicativo (em que se cria a teoria e depois testa) voltado ao indivíduo, mentalista, inata, para abarcar todas as línguas naturais. Por isso, ainda hoje, no que tange aos estudos cognitivos e às gramáticas das línguas humanas, a proposta gerativista ainda vigora e influencia. De acordo com Raposo (1992, p. 35): “Para a tradição racionalista, na qual Chomsky se insere (e da qual é sem dúvida o expoente máximo na psicologia e na linguística do século XX), a mente desempenha um papel fundamental na aquisição da linguagem.”

Segundo Kenedy (2015, p.12), “o caráter gerativo da linguagem caracteriza-se pelo fato de que, em todas as línguas humanas, é possível criar um número infinito de expressões linguísticas utilizando-se [...] uma quantidade finita de elementos constitutivos”, isto é, a possibilidade de formar infinitas sentenças com um conjunto finito de léxico e de gramática. Para isso, o linguista definiu seu objeto de estudo: a sintaxe, mais especificamente *phrases* (em português, sintagmas). De acordo com os conceitos gerativistas, a sintaxe é especificada como “uma palavra tradicional que, nas ciências cognitivas, assume o valor de sistema computacional da linguagem humana. Trata-se do conjunto das computações cognitivas que geram representações linguísticas complexas, como sintagmas e frases” (KENEDY, 2013, p. 179), ou seja, a capacidade do falante de colocar palavras lado a lado, de maneira que elas façam sentido e sejam reconhecidas como daquela determinada língua. A capacidade de formular frases/orações e expô-las no momento de fala faz parte de mais um postulado de Chomsky (1965), o conceito de Língua-I e Língua-E.

1.2 Definição de Língua-I e Língua-E

Uma definição da “mente humana” foi apresentada por Chomsky (1965), com o conceito de Língua-I(terna) e Língua-E(xterna).

O falante sabe usar certos funcionamentos da língua, embora não saiba explicitar como, cada indivíduo possui a sua Língua-I, ela corresponde àquilo que o falante possui internalizado:

à *competência gramatical* internalizada na mente de cada indivíduo (um indivíduo como eu e você, não um ser idealizado), o conjunto de regras e princípios de combinatória de elementos gramaticais atômicos para formar expressões gramaticais complexas, tomando-se essas regras e princípios em sua potencialidade gerativa, independentemente das limitações de desempenho (GUIMARÃES, 2017, p. 95).

O conceito de Língua-E seria mais próximo à *langue* de Saussure (GUIMARÃES, 2017), diz respeito ao que o falante externaliza, o que se tem acesso, pois é explicitado por ele. Em outras palavras, são os enunciados produzidos pelo indivíduo e, por mais que todas as línguas possuam o mesmo comportamento em relação à Língua-I, já que cada pessoa possui uma “competência”, isto é, própria (individual, que nasce com ela), a diferença ocorre no modo como elas se comportam na Língua-E, que é conhecida como a “performance” dos falantes. Esses conhecimentos estão na Gramática Universal (GU) que cada indivíduo possui, conforme apresenta-se a seguir.

1.3 Gramática Universal ou Instinto Linguístico

Não há nada como a linguagem humana, segundo Baker (2001), pois computadores ou mecanismos de inteligência artificial não são capazes de fazer o mesmo que crianças em processo de aprendizagem, uma vez que todo indivíduo possui uma predisposição a aprender uma língua, que é chamada pelos linguistas de “Gramática universal” ou “Instinto linguístico”, conforme nomenclatura de Steven Pinker (1994, p.18):

A linguagem não é um artefato cultural que aprendemos como aprendemos a ver que horas são ou como o governo federal funciona. Em vez disso, é uma peça distinta de composição biológica dos nossos cérebros. A linguagem é uma habilidade complexa e especializada, que se desenvolve espontaneamente na criança sem esforço consciente ou instrução formal, é implantada sem consciência de sua lógica subjacente, é qualitativamente a mesma em todos os indivíduos e distingue-se de habilidades mais gerais para processar informações ou comportar-se inteligentemente. Por essas razões, alguns cientistas cognitivos descreveram a linguagem

como uma faculdade psicológica, um órgão mental, um sistema neural e um módulo computacional. Mas eu prefiro o termo "instinto"⁴

Possenti (1996, p. 69), por sua vez, chama de “Gramática internalizada” aquilo que é dominado pelos indivíduos, “ [...] os conhecimentos que habilitam o falante a produzir frases ou sequências de palavras de maneira tal que essas frases e sequências são compreensíveis e reconhecidas como pertencendo a uma língua”, dividindo-a em dois: “conhecimento lexical”, ou seja, o falante sabe fazer uso de palavras cabíveis, e mais, consegue organizá-las dentro de uma sentença a fim de que tenha sentido, já que possui um “conhecimento sintático-semântico”.

A “GU” presente em cada um indivíduo é sofisticada, pois abarca as igualdades e as dissemelhanças entre as línguas, a criança já nasce com as “leis universais”, porém o contexto em que ela está inserida definirá de que modo absorverá aquilo que varia de uma língua para outra. Isso ocorre sem que haja algum tipo de treinamento ou que sejam dados linguísticos selecionados de maneira cuidadosa, todo indivíduo adquire uma língua em seus anos iniciais de vida, desde que estejam expostos a ela. A determinação de qual será a língua falada pela criança dependerá do contato com os adultos ao seu redor; se ela for exposta à língua espanhola, ela falará espanhol, entretanto será a língua russa, se ela conviver em um lugar que fale russo, pois “apesar de parte da informação necessária para a aquisição ser geneticamente codificada, ainda assim o ambiente ou a experiência são essenciais ao processo” (MIOTO; SILVA; LOPES, 2016).

1.4 Teoria de Princípios e Parâmetros

No programa gerativista, o ser humano possui em sua mente algo como uma “faculdade da linguagem”, um aparato genético que cabe à espécie humana e que a diferencia de outras classes. Essa “faculdade da linguagem” é composta por um conjunto de Princípios e Parâmetros, apresentados por Chomsky (1981) em sua criação. Os princípios foram postulados para serem universais (RADFORD,

4 . . . Do original: “Language is not a cultural artifact that we learn the way we learn to tell time or how the federal government works. Instead, it is a distinct piece of biological makeup of our brains. Language is a complex, specialized skill, which develops in the child spontaneously without conscious effort or formal instruction, is deployed without awareness of its underlying logic, is qualitatively the same in every individual, and is distinct from more general abilities to process information or behave intelligently. For these reasons some cognitive scientists have described language as a psychological faculty, a mental organ, a neural system, and a computational module. But I prefer the admittedly quaint term ‘instinct.’”

2004), formam as regras gerais que são válidas para todas as línguas naturais, por exemplo, todas as línguas possuem, basicamente, sujeito e predicado. Esses princípios “fazem parte da cognição humana mesmo antes de sua experiência linguística” (KENEDY, 2015, p.16), pois nascem com o indivíduo.

Já os parâmetros são os responsáveis pela disparidade entre as línguas, vistos como os “átomos” da língua (BAKER, 2001), em que as variações/transformações/mudanças acontecem, como as línguas diferem entre si em diversos quesitos sintáticos/sentenciais, “são as propriedades que uma língua pode ou não exibir” (MIOTO; SILVA; LOPES, 2016, p. 20). Eles necessitam de formatação na mente humana, conforme o processo de aquisição da linguagem vai acontecendo (KENEDY, 2015).

Há, por exemplo, o Parâmetro da Ordem. No japonês, o objeto é posto antes do verbo, sendo assim, uma língua SOV (sujeito – objeto – verbo) ou SCV (sujeito – complemento – verbo).

1. Kare	wa	<u>hon</u>	wo	yomimasu.
Suj.	partícula	O.D.	partícula	verbo
	do suj.		do obj.	

(Ele lê um livro.)

Por sua vez, o inglês possui uma ordem dissemelhante, pois o objeto vem depois do verbo, com uma organização SVO (sujeito – verbo – objeto) ou SVC (sujeito – verbo – complemento).

2. He	reads	<u>a</u>	<u>book</u> .
Suj.	verbo	artigo	O.D.
		definido	

(Ele lê um livro.)

Por mais que existam inúmeras línguas, com suas respectivas tradições e cultura, pode-se encontrar, basicamente, duas ordens (BAKER, 2001). Outra

diferença encontrada é com relação à posição do adjetivo. No inglês, o adjetivo precede o adjunto adnominal, em contrapartida, vem posposto ao japonês.

3. I am lonely without you.
Suj. verbo pred. adjunto adnominal
do suj.

(Eu/estou solitário sem você.)

4. Watashi wa anata ga inakute sabishii desu.
Suj. part. adjunto adnominal pred. verbo

(Eu/estou solitário sem sua presença).

Com os exemplos, percebe-se, via de regra, que esses parâmetros têm dois valores “ [...] que podemos representar, por exemplo, pelos valores positivo ou negativo; assim, ao acionar um determinado parâmetro, a criança acionará a ele um dos dois valores, através das evidências positivas que receba no *input*” (MIOTO; SILVA; LOPES, [1999] 2016, p.32). Desse modo, no processo de aquisição de linguagem, a criança acionaria um desses valores e o processo ocorre de maneira inconsciente e natural. Com estudos posteriores, entretanto, descobriu-se que não é tão simples como se imaginava, que as línguas divergem mais do que se esperava. Assim, o modelo gerativo passou por reformulações ao longo dos anos, até chegar a sua versão mais recente, o “Programa Minimalista” (CHOMSKY, 1995), que “é um 'programa' no sentido de não ser uma teoria completa, mas um conjunto de diretrizes metodológicas que se pretende usar para chegar a uma teoria. É também 'minimalista' por tentar minimizar o aparato técnico, produzindo uma teoria a mais simples possível” (MODESTO, 2012, p. 128).

Após essas considerações sobre a Teoria de Princípios e Parâmetros, aborda-se, a seguir, mais especificamente sobre o “Parâmetro do Sujeito Nulo”, o qual é o foco neste trabalho.

1.5 O Parâmetro do Sujeito Nulo ou Parâmetro *pro-drop*

O sujeito nulo é a propriedade que permite que uma língua realize foneticamente ou não a posição de sujeito. Segundo Rizzi (1982), podem ser classificados assim:

(i) sujeitos nulos referenciais;

Ex.: \emptyset Fomos ao cinema ontem à noite.

* went to the cinema last night.

We went to the cinema last night.

(ii) sujeitos nulos expletivos em casos de fenômenos da natureza;

Ex.: \emptyset Nevará amanhã.

* will snow tomorrow.

It will snow tomorrow.

ou com o verbo parecer;

Ex.: \emptyset Parece que ele está bravo comigo.

* seems that he is mad with me.

It seems that he is mad with me.

(iii) inversão da ordem S-V;

Ex.: Dormiram os bebês.

* slept the babies.

(iv) extração do sujeito à distância;

Ex.: Quem que você disse que veio aqui?

* Who did you say that came here?

Um dos parâmetros mais populares é o “Parâmetro do Sujeito Nulo” (PSN, doravante), ou também conhecido como “pro-drop”, aquele que, conforme Duarte (1995), é o que mais recebeu atenção desde sua criação e, por consequência, foi aquele que mais sofreu modificações e melhorias.

Em sua criação (CHOMSKY, 1981), o parâmetro foi postulado para ter oposição binária, as línguas de sujeito nulo apresentariam um valor positivo em relação a ele e as de sujeito preenchido teriam um valor negativo.

Esse parâmetro foi formulado comparando a língua inglesa, considerada de sujeito preenchido e o italiano, língua de sujeito nulo prototípica (CHOMSKY, 1981). Essa omissão do sujeito seria possível porque as línguas românicas apresentam uma morfologia flexional abundante, com desinências marcadas para todas as pessoas, deste modo, a flexão verbal seria suficiente para regê-lo.

Assim sendo, um forte indício de que uma língua qualquer seria de sujeito preenchido é quando há um pronome expletivo, sem função semântica, necessário para que a sentença seja gramatical, como *It rains* (BAKER, 2001). No PB, o verbo ainda é impessoal quando está no sentido real, por exemplo: “Ø chove”, pois é uma ação correspondente somente à chuva, podendo ser preenchido se o sentido é figurado, “Choveram elogios para aquele palestrante”, “Os confetes choveram no salão”.

No entanto, não demorou muito para que alguns estudiosos, como Huang (1984), discutissem essas características impostas para línguas de sujeito nulo. O referido autor, por exemplo, provou que, na língua chinesa, não há marcação de número, pessoa, modo e tempo e ainda assim apresenta casos de sujeito nulo.

A partir da investigação de outras línguas, verificou-se que apenas um parâmetro não era capaz de abarcar todas as línguas naturais. Por exemplo, há línguas de sujeito nulo que licenciam o sujeito em alguns casos e em outros não. Propôs-se, assim, que não existe somente um parâmetro, mas sim níveis de parâmetros para dar conta de todas as línguas e suas propriedades. Alguns exemplos de sujeitos nulos em diversas línguas são apresentados em Kato (2002), pautada em Sigurðsson (1993), com a seguinte divisão:

i) sujeitos nulos não argumentais, ou expletivos (por exemplo, o PB);

5. [pro] Nevou.

ii) poda de tópico (topic-drop), que permite nulos de primeira e segunda pessoas em início de período (ex: inglês);

6. \emptyset Don't be a fool.

(Em português, “Não seja bobo”.)

7. \emptyset Keep yourself busy.

(Mantenha-se ocupado.)

iii) sujeitos nulos “controlados” por um antecedente em posição de c- comando (japonês);

8.	Dare	ga	[\emptyset	sore	o	mita	to]	itta	no.	⁵
	Suj.	partícula	Ac.			verbo	part.	v.	Q	

(Quem disse que (ele) viu isso aí?)

iv) sujeitos nulos que permitem antecedente em posição de c-comando ou não (islandês antigo);

9. Þegar [*pro*] þar kom, þá stóðu herra menn [...] um allan slotsgarðinn⁶

adv. *pro* pron. verbo conj. verbo O.D. [...] prep.

(Quando [ele] chegou lá, havia nobres ao redor do pátio.)

v) sujeitos nulos identificados por concordância (italiano, espanhol).

10. \emptyset Non parlo italiano. (Italiano)

(Não falo italiano.)

11. (Nosotros) Tenemos un acuerdo. (Espanhol)

(Temos um acordo.)

Outra proposta é de Duarte (2018), embasada em Roberts e Holmberg (2010), elencada assim:

5 . Exemplo em japonês – (Fonte: Retirado de Kanno, 1997, p. 266.)

6 . Exemplo em islandês antigo – (Fonte: Retirado de Kinn; Rusten; Walkden, 2016, p. 36.)

i) línguas que não aceitam sujeito nulo: como inglês e francês;

Ex.: It rains. (inglês)

Il pleut. (francês)

(Chove.)

ii) línguas que, via de regra, diferenciam as pessoas e tempos verbais, que possuem uma morfologia considerada abundante, por exemplo, italiano e espanhol;

Ex.: \emptyset Non parlo italiano. (italiano)

\emptyset No hablo español. (espanhol)

(\emptyset Não falo italiano/ \emptyset Não falo espanhol.)

iii) línguas que não permitem sujeito nulo referencial, apenas admitem a elipse em sentenças impessoais, como exemplo: alemão;

Ex.: Es regnet.

(Chove.)

iv) línguas que consentem sujeito nulo, embora não haja um paradigma flexional “rico”, restringindo o nulo em determinadas situações discursivas, a saber: japonês;

Ex.: \emptyset Nansai desu ka?

quantos tem partícula

anos interrogativa.

(Quantos anos tem?)

v) línguas de sujeito nulo parcial, exemplos: português brasileiro, russo, finlandês etc.

Como visualizado, o português brasileiro (doravante, PB) ocupa uma posição diferente de outras línguas de sujeito nulo. Por esta razão, uma apresentação da definição de sujeito e de como a língua evoluiu para ser considerada de sujeito

nulo “parcial” (DUARTE, 2018), em que o sujeito nulo é licenciado em alguns contextos e outros não, será feita na próxima seção.

1.6 Sobre a Teoria da Variação e Mudança linguística

Por volta da década de sessenta, surgiu uma nova corrente linguística, chamada de Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa. Esta foi desenvolvida “a partir da proposta de Weinreich, Labov e Herzog (1968), com o

objetivo de descrever a língua e seus determinantes sociais e linguísticos, levando em conta seu uso variável” (DA HORA, 2004, p.13), sendo o objeto de estudo a heterogeneidade linguística ou variação linguística.

Os estudos de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) partiram da gramática gerativa de Chomsky, discordaram, no entanto, que a comunidade de fala é homogênea, com um falante que somente produziria algo diferente se fosse afetado por condições externas, como distrações, falta de atenção ou memória, visto que se depararam com:

[...] razões convincentes para modificar essa posição nos fatos confirmados de que os desvios de um sistema homogêneo não são todos eles erros aleatórios de desempenho, mas são num alto grau codificados e parte de uma descrição realista da competência de um membro de uma comunidade de fala (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p.60).

Esses três pesquisadores consideraram que a língua varia e que essa variação não ocorre de maneira aleatória, dado que algumas transformações não seriam possíveis ou, pelo menos, não aconteceriam na língua. Com isso, os estudiosos adotaram, a fim de descrever de modo mais adequado a competência linguística, “um modelo de língua que acomode os fatos do uso variável e seus determinantes sociais e estilísticos” (p.34), argumentando “que o domínio de um falante nativo [*nativelike command*] de estruturas heterogêneas não tem a ver com multidialetalismo nem com o 'mero' desempenho, mas é parte da competência linguística monolíngue” (LABOV, 2008 [1972], p. 16). Nessa proposta, apresentam alguns princípios gerais para estudar a mudança linguística: ela se inicia quando ocorre uma variação ordenada, em que duas ou mais variantes estão em concorrência (quando as duas concorrem em um mesmo lugar) ou de coocorrência (quando há o predomínio de uma variante em detrimento da outra), ambas com mesmo valor de verdade e ditas em idem contexto (TARALLO, 2002).

Para os autores, é ilusão dizer em estrutura e homogeneidade, pois os falantes dominam as estruturas heterogêneas, nem toda vez que ocorre a variação haverá mudança, porém a mudança implica variabilidade e heterogeneidade. Além disso, as variáveis linguísticas e extralinguísticas estão ligadas ao desenvolvimento da mudança linguística.

Eles, então, elaboraram uma teoria da mudança que enxergasse a língua “– seja de um ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 35). Labov (2008 [1972]) refinou esta teoria com estudos posteriores.

1.7 Sociolinguística Quantitativa Laboviana

Coube ao linguista norte-americano William Labov fundar a Sociolinguística Variacionista ou também conhecida como Sociolinguística Quantitativa Laboviana.

O pesquisador nasceu em Rutherford, Nova Jersey, no dia 4 de dezembro de 1927. Antes de dedicar-se como estudioso da linguagem, trabalhou muitos anos como químico industrial, uma década fora da universidade que lhe convenceu de que o mundo, embora rebelde, mas muito rebelde e desconcertante a princípio, era, a longo prazo, recompensador “para aqueles que se apegavam a seu caráter racional” (LABOV, 2008 [1972], p. 13).

Foi no ano de 1961 que se iniciou na linguística como estudante da Columbia University. Sob a orientação do professor Uriel Weinreich, pesquisou sobre a ilha de Martha's Vineyard em sua dissertação de mestrado e produziu um estudo sobre Nova York em seu doutorado.

O próprio autor conta que relutou por diversos anos ao termo “sociolinguística”, pois, para ele, isso implica a possibilidade de uma prática ou teoria linguística bem-sucedida desvinculada do social. Ainda, Labov (2008 [1972], p. 13) relata que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística, em uma crescente percepção, deve ser encontrada na fala, “a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos”.

Com relação ao estudo realizado na ilha, o autor relata que a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ (como exemplo, *twice* e *doubt*) se mostrou curiosa, pois a tendência atual em Martha's Vineyard estaria em direção oposta ao movimento desses ditongos nos últimos duzentos anos.

A fim de estudar o fenômeno, o estudioso realizou gravações de fala espontânea, de fala com apego emocional, isto é, discursos menos monitorados e de mais monitorados, fala monitorada e estilo de leitura.

Para isso, Labov (2008 [1972]) selecionou 69 informantes, com variadas profissões – 14 pescadores, 8 agricultores, 6 no ramo de construção, 19 no campo de serviços, 3 profissionais liberais, 5 donas de casa e 14 estudantes –, divididos em majoritários grupos étnicos: 9 descendentes de índios, 16 de portugueses e 42 de ingleses.

Como resultado, contabilizaram-se cerca de 3.500 ocorrências de /ay/ e 1.500 casos de /aw/. Essa distinção no traço fonético indicou o desejo dos *vineyardenses* em afirmarem que pertencem à ilha, uma vez que o turismo crescia, muitos visitavam o lugar, atraídos por sua beleza.

De acordo com o pesquisador, o estudo de Martha's Vineyard foi um primeiro passo, sendo, mais tarde, refinado com “A estratificação social do (r) nas lojas de departamento na Cidade de Nova York”, fruto de sua tese de doutorado.

Neste trabalho, de 1964, Labov (2008 [1972]) tentou esquivar-se do tom mais formal das entrevistas (em que há gravações e mais monitoramento por parte do falante); para isso, o estudioso dirigia-se a lojas de departamento de Manhattan – Sacks, Macy's e Kleins –, aproxima-se de um funcionário e indagava “Onde fica tal loja?”, já ciente de que a resposta seria “Quarto andar (*Fourth floor*)”. Em seguida, afastava-se em direção ao ponto indicado para anotar o uso do /r/, podendo ser casual: *fourth floor* ou enfático: *fourth floor*, e, assim, recolhia eventos de fala casuais e anônimos.

Adotando esse método, o pesquisador obteve 68 entrevistas na Saks, 125 na Macy's e 71 na Kleins, com um total de 6 horas e meia de entrevista com 264 falantes. E, com este estudo, Labov (2008 [1972]) demonstrou que, ao contrário do que antes era prestigioso, ou seja, o apagamento do /r/, o nível sociocultural mais alto foi aquele que mais produziu a realização desse fonema, com um total de 47,7%.

Nessa seção, apresentou-se o alicerce teórico desse trabalho, isto é, a teoria gerativa, de Chomsky (1981, 1995); bem como os conceitos que a norteiam: língua-I e língua-E, gramática universal, Teoria de Princípios e Parâmetros e o parâmetro do sujeito nulo. Ainda, abordou-se outra base para a pesquisa, a teoria da variação e mudança linguística, de Weinreich; Labov; Herzog (2006 [1968]), como também a Sociolinguística Variacionista, de Labov (2008 [1972]).

Já no capítulo seguinte, discorre-se sobre o sujeito no PB nas visões normativa e descritiva, bem como trabalhos sobre a primeira pessoa do singular são expostos, uma vez que esse é o objeto de estudo nesta dissertação.

2 SOBRE O SUJEITO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Definidas as fundamentações teóricas, nesse capítulo, será abordado sobre o objeto em estudo: o sujeito pronominal, quando um pronome realiza a função de sujeito. Este pode se apresentar explícito ou implícito no PB, de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (doravante, NGB).

A NGB está dividida em três partes: primeira parte – fonética; segunda parte – morfologia; terceira parte – sintaxe. Dentro da subdivisão da sintaxe, encontra-se “termos essenciais da oração”, sendo sujeito e predicado. Começando pelo segundo, o “predicado é, na oração de um só termo, a enunciação pura de um fato qualquer” (KURY, 2000, p.20), como: *Viajou.*, mas, se está “na oração de dois termos, é aquilo que se diz do sujeito” (KURY, 2000, p.21): *Os tenistas jogaram uma partida de duas horas.*

Sobre o sujeito, há a seguinte divisão: 1) simples; 2) composto; 3) oculto; 4) indeterminado; 5) oração sem sujeito (KURY, 2000). Os dois primeiros aparecem expressos na oração, os três últimos não. Já que faz parte do enfoque da pesquisa, uma apresentação mais aprofundada será feita do terceiro sujeito: O sujeito oculto, elíptico (KURY, 2000), implícito (PASCHOALIN, 1997) ou nulo (conforme é conhecido pelo PSN) é definido da seguinte forma: “Nem sempre há necessidade de explicitar sujeito de uma oração, seja porque já figura numa oração contígua, seja porque a desinência do verbo claramente o indica. Diz-se, então, que o sujeito está elíptico, ou oculto por 'elipse” (KURY, 2000, p. 22).

Botassini e Antonio (1999, p. 43), em uma visão sociopragmática, apresentam da seguinte forma:

Em um enunciado, o sujeito pode ser realizado de três formas: lexicalmente, como em (1), pronominalmente, como em (2) e por meio de uma elipse, como em (3):

(1) O *marinheiro* chegou à cidade.

(2) *Ele* chegou à cidade.

(3) \emptyset Chegou à cidade.

Por sua vez, Castilho (2010), em uma gramática de cunho funcionalista, define o sujeito sintático do seguinte modo: (i) quando é expresso por um sintagma nominal; (ii) ele figura habitualmente antes do verbo; (iii) é aquele que determina a

concordância do verbo; (iv) o sujeito é pronominalizável pelo verbo; (v) ele pode ser elidido em alguns casos.

O autor, ainda, conceitua as classes que funcionam como sujeito: um substantivo, um pronome, uma sentença substantiva/oração substantiva ou uma categoria vazia” (CASTILHO, 2010). Como exemplos:

→ Substantivo: Luísa comprou o livro.

→ Pronome: Ela comprou o livro.

→ Toda uma sentença substantiva: É fundamental que Luísa tenha comprado o livro.

→ Categoria vazia: ∅ Comprou um livro.

Castilho (2010) afirma que essa categoria vazia funciona de maneira díspar no PB e no PE, pois a posição de sujeito tende a ser mais preenchida no Brasil do que em Portugal. Quando se trata do objeto, ocorre o inverso, ou seja, elide-se menos no português lusitano.

Um exemplo, para uma pergunta como “Você encontrou a professora de linguística hoje?”, possíveis respostas são “Sim, (eu) encontrei ela hoje”, “Sim, encontrei-a hoje/Sim, a encontrei hoje”, “Sim, encontrei” ou “Sim, encontrei a professora hoje”. Nas escolhas pronominais, a forma preferível pelos falantes em Portugal é a segunda, visto que escolher o pronome *e/le* é incomum em posição de objeto no PE, “que apenas tem como recurso o uso do clítico *o/a*” (GALVES, 2001, p. 45).

Diferentemente ocorre no PB, em que é usual o pronome pessoal de terceira pessoa sendo objeto em conversas ou escritas informais, contudo isso é taxado como “erro”, pois esse pronome possui função de sujeito. Assim, uma alternativa dos falantes, para evitar errar, é omitir o complemento – “Sim, encontrei ∅” – desse modo, cresce a elisão do objeto no Brasil.

O pesquisador salienta ainda que, nos estudos diacrônicos sobre a omissão do sujeito, estabeleceu-se “uma relação entre morfologia verbal rica e omissão do sujeito”, por exemplo: ∅ Saí ontem à noite/ ∅ Saímos ontem à noite, ou ocorre o contrário “morfologia verbal pobre e retenção do sujeito” (CASTILHO, 2010, p. 293), por exemplo: Ele saiu ontem/Ela saiu ontem/A gente saiu ontem, sob a hipótese de que esta mudança ocorreu com a simplificação da morfologia do PB, antes com seis formas verbais: (eu) falo; (tu) falas; (ele/ela) fala; (nós) falamos;

(vós) falais; (eles/elas) falam, reduziu-se a três – (eu) falo; tu/você/ ele ou ela/ a gente/eles fala; eles ou elas/vocês falam. Essa redução começou com a implementação de *você* no lugar de *tu* e de *vocês* ao invés de *vós*, caindo para quatro formas e, mais tarde, três com a substituição de *nós* por *a gente*.

Cabe, então, descrever mais sobre os pronomes, o “rearranjo no sistema pronominal” (LOPES; RUMEU; 2007, p. 419) que resultou em uma redução no paradigma flexional.

Conforme Faraco e Moura (1999, p. 283), em uma visão normativa, “o pronome é a palavra que substitui o substantivo ou acompanha o substantivo”. Em uma visão sintática, “o pronome substitui um sintagma, e não um nome como palavra isolada” (KENEDY, 2013, p. 184).

De acordo com Bechara (2009 [1999]), os pronomes possuem três funções: 1) pronome substantivo; 2) pronome adjetivo; 3) pronome adverbial. O primeiro corresponde aos pronomes do caso reto, exercem função de sujeito ou aos átonos (me, te, se, lhe, o, a, nos, vos, lhes, os, as); já o segundo designa os pronomes possessivos (meu, teu, seu...) e os pronomes demonstrativos (este, esse, aquele...), caracterizam o substantivo; o último corresponde aos pronomes adverbiais locativos (aqui, ali, lá...), indicam um lugar.

Tradicionalmente, os pronomes pessoais do caso reto correspondem a três pessoas no singular e a três pessoas no plural, segundo exposto na Tabela 1. Já para o estudioso Camara Jr., as formas singular e plural não são correspondentes, uma vez que o plural de “eu” seria *eu + eu = eus* e não *nós*. Do mesmo modo, *nós* equivale a mais de uma opção, *eu + tu/você*; *eu + ele*.

Por sua vez, Bechara (2009 [1999], p. 162) apresenta as seguintes pessoas do discurso, classificando da seguinte forma:

- Pessoas determinadas do discurso:

a

1. pessoa: eu (corresponde ao falante);

a

2. pessoa: tu (corresponde ao ouvinte).

- Pessoa indeterminada do discurso:

3.a pessoa: aponta para outra pessoa.

Tabela 1 – Visão dos pronomes conforme Bechara (2009 [1999]) e Camara Jr. (2011).

Pronome Pessoal	Bechara (2009 [1999])	Camara Jr. (2011)
Eu	1. ^a pessoa singular	1. ^a p.s.
Tu	2. ^a p.s.	2. ^a p.s.
Ele/ela	3. ^a p.s.	3. ^a p.s.
Nós	1. ^a pessoa plural	4. ^a p.p.
Vós	2. ^a p.p.	5. ^a p.p.
Eles/elas	3. ^a p.p.	6. ^a p.p.

Fonte: A própria autora.

Com relação a isso, Monteiro (2002, p. 95) assevera que:

As gramáticas portuguesas em geral ensinam que são três as pessoas gramaticais, conforme designem o falante, o ouvinte ou o assunto. Ora, qualquer raciocínio, por elementar que seja, pode demonstrar que só existem de fato duas pessoas no ato comunicativo: a que fala e a que ouve. A terceira possui natureza e funções diferentes e tanto se reporta a seres vivos como a coisas ou abstrações.

O autor também atesta que “o pronome **vós** e as formas que lhe correspondem praticamente já desapareceram do português brasileiro” (MONTEIRO, 2002, p. 95), o pronome de segunda pessoa do plural deixou de ser usado, tanto na língua falada quanto na língua escrita. Segundo Menon (2002, p. 159), “[...] **vós** não faz parte do dialeto oral, salvo em contextos bem específicos, como o uso na liturgia católica”.

Houve, ainda, a introdução das formas gramaticalizadas “você” e “a gente”, com função de pronome pessoal do caso reto, como visto na afirmação de Castilho (2010).

A gramaticalização é “o processo pelo qual uma palavra de sentido pleno assume funções gramaticais” (ILARI, 2011, p. 153). Para a nomenclatura tradicional, *você* é um pronome de tratamento de terceira pessoa, embora seja usado como pronome pessoal de segunda pessoa em textos falados e até em textos escritos, no lugar do *tu*. Ainda conforme Ilari (2011), o clássico exemplo é do pronome *você*, vindo de “Vossa Mercê”, passando a “Vosmecê”, até chegar a forma atual. Em sua origem, era “uma expressão de tratamento, como *Vossa Majestade* ou *Vossa Excelência*, hoje é um pronome pessoal, e nessa função suplantou o antigo pronome de segunda pessoa *tu*, numa grande área do território brasileiro” (ILARI, 2011).

Outra gramaticalização é com a expressão *a gente*, em que várias pesquisas pautadas em “amostras de fala do português do Brasil [...] procuraram demonstrar que a forma inovadora *a gente* vem suplantando o pronome *nós* nos últimos 30 anos” (LOPES, 2018 [2007], p. 113).

A Tabela 2 reflete essas mudanças:

Tabela 2 – Visão descritiva sobre o quadro pronominal, com base em Castilho (2010).

Pronome	Verbo
eu	falo
você/ele, ela/a gente	fala
vocês/eles, elas	falam

Fonte: A própria autora, com base em Castilho (2010).

De acordo com Botassini e Souza (2009), embora considerada uma locução substantiva feminina, a expressão *a gente* está em concorrência e coocorrência com o pronome pessoal de primeira pessoa do plural *nós*. De acordo com as pesquisadoras, essa expressão é de uso bastante frequente nas falas dos brasileiros, sendo usada como uma forma pronominal.

Ao contrário do PE, que distingue entre *tu* como forma íntima e *você* como forma polida, a maioria dos dialetos brasileiros generalizou *você* como a forma universal de tratamento”. Além disso, o traço distintivo de segunda pessoa do singular de *tu* foi perdido (por exemplo: *Tu falaø*), notou-se, no fim do século XX, “um retorno do pronome tu à fala carioca sem a marca flexional de segunda pessoa” (LOPES, 2018 [2007], p. 104).

Uma questão a ser levantada para o preenchimento pronominal, além do acréscimo dessas formas gramaticalizadas, refere-se à falta de concordância no PB. Consoante a Galves (2001, p.155), o “uso dos pronomes de segunda pessoa [...] tem um papel decisivo na organização desse paradigma e, [...] na sintaxe do PB.

Em contrapartida, Menon (1995) apresenta uma possibilidade diferente. A autora considera que a segunda pessoa do singular passou a ter duas formas: uma é a forma tradicional, com o -s para o presente do indicativo e a segunda é quando há o morfema \emptyset para a segunda pessoa, com as duas formas coexistindo. Se a localidade usa *tu*, espera-se que seja com a marcação de segunda pessoa (Tu escreves), já em dialetos em que predomina *você*, a forma empregada será com o morfema \emptyset (Você escreve/Tu escreveø).

A pesquisadora acredita que “os falantes 'interiorizaram' a forma verbal com morfema \emptyset como marca de segunda pessoa e a variação recai simplesmente no uso do pronome” (MENON, 1995, p. 97). Apesar de os falantes preferirem utilizar *tu*, a forma plural com *vocês* está presente, assim, uma analogia seria retirar o morfema -m (Vocês escrevem), aquele que marca o plural, e com isso teria a forma singular (Tu escreve).

Ainda sobre a questão da concordância, outra pessoa a ser discutida é o caso de *eles/elas* sem o paradigma flexional de terceira pessoa do plural.

Naro e Scherre (2007, p. 165) afirmam que:

De um ponto de vista formal, parece lógico assumir que, em estruturas com verbo sem morfema de plural explícito, isto é, sem concordância, o uso de sujeito explícito aumentaria necessariamente,

a fim de compensar a perda de informação semântica e de ligação formal que seriam fornecidas pela marca correspondente no verbo.

Sendo *assim*, o pronome estaria expresso para suprir esta falta de concordância, como em “*ele fala/ eles falaø*”.

Depois dessas transformações no quadro de pronomes pessoais do caso reto, o preenchimento com o pronome cresce para explicitar a pessoa gramatical. Percebe-se um distanciamento com relação ao PE, por duas razões basicamente: a menor frequência de concordância em português brasileiro, por exemplo, concordância verbal → *Elas falaø.*, concordância no sintagma nominal → *As pessoaø educadaø.* e concordância nos predicativos → *Os cílios eram falsoø*) e a preferência pelo sujeito preenchido em PB (NARO; SCHERRE, 2007).

O PB, assim como outras línguas naturais, passa por mudanças. Elas ocorrem de modo progressivo em diversas dimensões a longo prazo, o processamento ocorre sem que seja abrupto ou instantâneo, “como se numa determinada manhã a população inteira acordasse falando de maneira diferente da do dia anterior” (NARO, 2015, p.43).

Já Tarallo (2002, p. 5) define a variação “como um campo de batalha em que duas (ou mais) maneiras de se dizer a mesma coisa [...] se enfrentam em um duelo de contemporização, por sua subsistência e coexistência, ou mais fatalisticamente, em um combate sangrento de morte”.

Por sua vez, Faraco (2006, p. 15) salienta que, geralmente, as pessoas “não têm consciência de que sua língua está mudando” e que “as mudanças linguísticas, embora ocorrendo continuamente, se dão de forma lenta”.

2.1. Alguns trabalhos sobre sujeito pronominal de primeira pessoa

Nesta seção, são apresentados algumas pesquisas realizadas com o preenchimento do sujeito com o pronome pessoal de primeira pessoa do singular, bem como os objetivos, o *corpus* e os resultados obtidos.

Duarte (1995) propôs examinar, apoiada ao Parâmetro do Sujeito Nulo, como o princípio de que o sujeito pleno deveria ser evitado foi se perdendo gradativamente. A autora procurou analisar em que situações esse uso é mais ou menos resistente

com um *corpus* formado por 13 informantes cariocas com formação universitária, de gravações feitas em 1992; do total de 1.756 dados, 1.424 apresentam referência definida, com 415 (29%) de sujeitos nulos e 1.009 (71%) de sujeitos pronominais plenos. Para a primeira pessoa do singular, 138/478 (29%) de nulos com desinência marcada, já em relação à primeira pessoa do singular com desinência zero, 37/153 (24%), mostrando que o fato de haver uma desinência bem marcada não é um empecilho para o uso do sujeito pleno, conforme demonstrado na Tabela 3:

Tabela 3 – Amostra de Duarte (1995) de sujeitos nulos para a variável desinência verbal explícita/implícita.

Desinência verbal	Duarte (1995)	%
com desinência explícita	138	29%
sem desinência verbal explícita	37	24%

Fonte: A própria autora com base nos resultados de Duarte (1995).

Botassini (1998) realizou uma pesquisa com uma amostra do Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil⁷ do Estado do Paraná (VARSUL/PR), composta por quatro cidades: Curitiba, Pato Branco, Londrina e Irati, com os seguintes objetivos: analisar a situação do português falado no Paraná em relação ao preenchimento do sujeito pronominal; averiguar se as variáveis linguísticas e extralinguísticas condicionam ou não do uso de pronome-sujeito; confrontar os resultados do trabalho com os dados de pesquisas de MENON (1994, 1996).

A pesquisadora possuía um *corpus* composto por 96 informantes, obteve um total de 24.181 ocorrências, sendo 13.026 (54%) de casos plenos de primeira pessoa do singular e 1.637 (7%) de pronome *nós*, além de 8.308 (34%) de casos nulos para o pronome *eu* e 1.210 (5%) de nulos para o pronome *nós*. Conforme é visto na Tabela 4 a seguir:

⁷ . O Projeto VARSUL é composto por 288 entrevistas feitas nos três estados da Região Sul; em cada estado, foram selecionadas quatro cidades, com o objetivo de descrever o português falado e escrito no Sul do Brasil.

Tabela 4 – Total de ocorrências do estudo de Botassini (1998) para os pronomes *eu* e *nós*.

Pronomes	Pleno	Nulo
Eu	13.026 (54%)	8.308 (34%)
Nós	1.637 (7%)	1.210 (5%)

Fonte: A própria autora com base nos resultados de Botassini (1998).

Menon (2002), por sua vez, realizou um levantamento de dados de entrevistas do Projeto NURC (Projeto da Norma Urbana Oral Culta⁸) de São Paulo, analisou as gravações de Elocuções Formais, em que os informantes estavam em sala de aula ou em conferências. A estudiosa encontrou 1.560 ocorrências de primeira pessoa, desse total, 938 foram de 1.^a pessoa do singular *eu*, distribuídos em 629 com pronome pleno *eu* e 309 com pronome nulo, e 622 de 1.^a pessoa do plural *nós*, com 377 de pronome pleno e 245 de nulo.

Na Tabela 5, há a ilustração dos resultados encontrados por Botassini (1998) e Menon (2002) quanto à variável sexo:

Tabela 5 – Total de ocorrências para *eu* nos estudos de Botassini (1998) e Menon (2002) com relação à variável sexo.

Variável sexo	Botassini (1998)	Menon (2002)
Masculino	5653 (50%)	482 (66%)
Feminino	7373 (57%)	147 (71%)

Fonte: A própria autora com base nos resultados de Botassini (1998) e Menon (2002) para a variável sexo.

8 . O Projeto NURC foi iniciado em 1969, com o intuito de gravar e estudar a fala de informantes portadores de Ensino Superior de cinco capitais brasileiras.

No que diz respeito à variável sexo, Menon (2002) encontrou resultados semelhantes aos de Botassini (1998), pois o sexo feminino fez maior uso do pronome eu.

Já a Tabela 6 esboça os valores apresentados pelas pesquisadoras em seus estudos com relação à variável faixa etária:

Tabela 6 – Amostra dos estudos de Botassini (1998) e Menon (2002) com relação à variável faixa etária.

Variável faixa etária	Botassini (1998)	Menon (2002)
Faixa Etária I	6977 (55%)	215 (70%)
Faixa Etária II	6049 (52%)	206 (58%)

Fonte: A própria autora com base nos resultados de Botassini (1998) e Menon (2002) para a variável faixa etária.

Quanto à variável faixa etária, os estudos de Botassini (1998) tiveram os seguintes resultados: para a 1.^a faixa etária 6.977 (55%) e 6.049 (52%) para a 2.^a faixa etária no uso do sujeito pleno *eu*.

Já a Menon (2002) dividiu em três faixas, de acordo como é feito no Projeto NURC, FE1 (25-35 anos), com $215/307 = 70\%$, FE2 (36-55 anos), possuindo $208/274 = 76\%$ e FE3 (+ de 56 anos), $206/357 (58\%)$, apresentados na Tabela 6, ambas constataram que o fenômeno apresenta variação estável.

Consoante ao que se expõe na Tabela 7 seguinte, para a variável grau de escolaridade, o estudo de Botassini (1998) obteve os seguintes resultados:

Tabela 7 – Amostra de Botassini (1998) com relação à variável grau de escolaridade.

Grau de Escolaridade	Botassini (1998)	%
Primário	3979	62%
Ginásio	4.529	60%
Segundo grau	4.518	61%

Fonte: A própria autora com base nos resultados de Botassini (1998) para a variável grau de escolaridade.

Para o pronome *eu*, no primário, Botassini (1998) conseguiu 3.979 (62%); para o ginásio, 4.529 (60%) e, no 2.^o grau, 4.518 (61%).

Pelo Projeto NURC trabalhar com falantes que tenham Ensino Superior, Menon (2002) não analisou a variável grau de escolaridade.

Ao estudar os resultados apresentados por ambas as autoras, averigua-se que o preenchimento ocorre indiferente de sexo, faixa etária e grau de escolaridade, demonstrando que o fenômeno não é algo isolado, pertencente a uma categoria específica. Dito de outro modo, é algo que está ocorrendo (já ocorre) no PB.

Para confirmar esta hipótese com outros dados, no capítulo seguinte, a metodologia dessa pesquisa é apresentada, bem como o *corpus* e o modo como esses dados foram tratados.

3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Para a realização desse trabalho, a metodologia adotada foi da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 2008 [1972]). Os dados utilizados para a análise foram coletados pela equipe do Atlas Linguístico do Brasil (COMITÊ, 2001).

3.1 Contextualizando o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

Segundo Cardoso (2006), o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) nasceu com a finalidade de criar um atlas geral do Brasil, com relação à língua portuguesa. É empreendimento de caráter nacional, de amplitude grande. Foi iniciado por um grupo de pesquisadores do Instituto de Letras da UFBA (Universidade Federal da Bahia), com a parceria de doze universidades nos dias atuais para a sua concretização.

Os primeiros passos para a elaboração de um atlas linguístico brasileiro foram dados em 1952, por meio do Decreto 30.643, de 20 de março, tendo como principal intuito a “elaboração do atlas linguístico do Brasil” pela Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa. Por causa de uma série de impasses de ordem variada, os dialetólogos brasileiros foram levados a iniciarem o trabalho de mapeamento linguístico brasileiro pela realização de atlas regionais, com início na década de 60, também criaram um Comitê:

No lançamento do Projeto ALiB, durante o Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolingüística no Brasil, realizado na cidade de Salvador – BA, em 1996, representantes das Universidades Federais da Bahia, da Paraíba, de Juiz de Fora, do Rio Grande do Sul e da Universidade Estadual de Londrina constituíram um Comitê Nacional para dirigir os trabalhos voltados para verificar as diferenças léxico-semânticas, investigar os aspectos fonético-fonológicos, morfossintáticos e prosódicos no português brasileiro, na tentativa de delimitar os contornos, ainda que tênues, dos dialetos ou falares nas diferentes áreas do Brasil. (AGUILERA e ALTINO, 2012, p. 872).

Foi no ano de 2001 que começou a coleta de dados, as únicas capitais que foram excluídas são Brasília e Tocantins, uma vez que tratam-se de criações

recentes, assim, faltavam informantes da segunda faixa proposta pelo projeto, de 50 a 65 anos, filhos de pais nascidos na localidade.

Ao todo, a rede de pontos do ALiB conta com 250 localidades distribuídas pelo país inteiro. Alguns critérios foram selecionados, tais como, demográficos, histórico e culturais. Além de considerar a extensão de cada Estado/Região e a natureza de seu respectivo povoamento. As únicas capitais que não foram contempladas são Distrito Federal (Brasília), em virtude da data de sua criação e Palmas (Tocantins), por ser uma capital de um estado recém-criado, sendo assim, sem formação e sem habitantes nascidos ali⁹.

O total de informantes do Projeto ALiB é de 1.100, eles foram selecionados pela equipe do ALiB de acordo com os seguintes critérios:

- serem filhos e terem pais da mesma localidade pesquisada;
- contemplados os dois sexos, feminino e masculino;
- divididos em duas faixas etárias, I – de 18 a 30 anos e II – de 50 a 65 anos;
- são quatro informantes por cidade, alfabetizados, mas que cursaram, no máximo, o Ensino Fundamental. Com exceção das capitais, que contam com oito informantes, distribuídos em dois graus de escolaridade, Ensino Fundamental e Ensino Superior.

As entrevistas realizadas pela equipe do ALiB (COMITÊ, 2001) foram segmentadas da seguinte forma:

- Questionário Fonético-Fonológico.
- Questionário Semântico.
- Questionário Morfológico.
- Temas para discursos semidirigidos.
- Perguntas Metalinguísticas.
- Texto para leitura.

No III Congresso de Dialetoлогия e Sociolinguística (III CIDS), o qual ocorreu em Londrina em outubro de 2014, houve o lançamento dos dois primeiros volumes do **ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL**, ambos publicados pela EDUEL. O primeiro volume contém a Introdução, já o segundo apresenta 159 cartas linguísticas, com dados de 25 capitais de estado¹⁰.

9 . (Fonte: alib.ufba.br/content/rede-de-pontos. Acesso em: 28 de novembro de 2018.)

10 . (Fonte: alib.ufba.br/histórico. Acesso em: 28 de novembro de 2018.)

3.2 Regiões selecionadas

Para este trabalho, foram selecionadas duas Regiões – Sul e Centro-oeste, a fim de examinar se o fenômeno está presente em ambas, indicando, assim, que não é algo da língua restrito a um lugar. Por serem cidades com uma população bastante diversificada, receberam influências de várias etnias. Em Florianópolis, houve colonização indígena e portuguesa, mais tarde, a capital recebeu imigrantes alemães, italianos e japoneses. Já em Curitiba, a colonização foi iniciada por mestiços, indígenas, espanhóis, portugueses, depois por poloneses, italianos, ucranianos, alemães, japoneses e sírio-libaneses. Por sua vez, Cuiabá foi influenciada por africanos, indígenas, portugueses e espanhóis. Em Campo Grande, africanos, indígenas, mineiros, japoneses, paraguaios, italianos, bolivianos, sírio-libaneses e gaúchos.

Kroch (1989) afirma que uma possibilidade para a variação na fala de uma pessoa seja resultado de ele possuir duas ou mais gramáticas internalizadas. Assim sendo, isso permite que a mesma pessoa possa ora produzir determinada gramática, ora outra. Pensando nessa diglossia, é interessante analisar se locais formados por diferentes etnias, com diversas línguas, interferem no uso pleno ou nulo. As redes de ponto são: 220. Curitiba – Paraná e 230. Florianópolis – Santa Catarina da Região Sul, 108. Cuiabá e 115. Campo Grande da Região Centro-oeste. Nesta seção, procura-se expor um pouco mais sobre cada uma e apresentar uma síntese da história de cada capital.

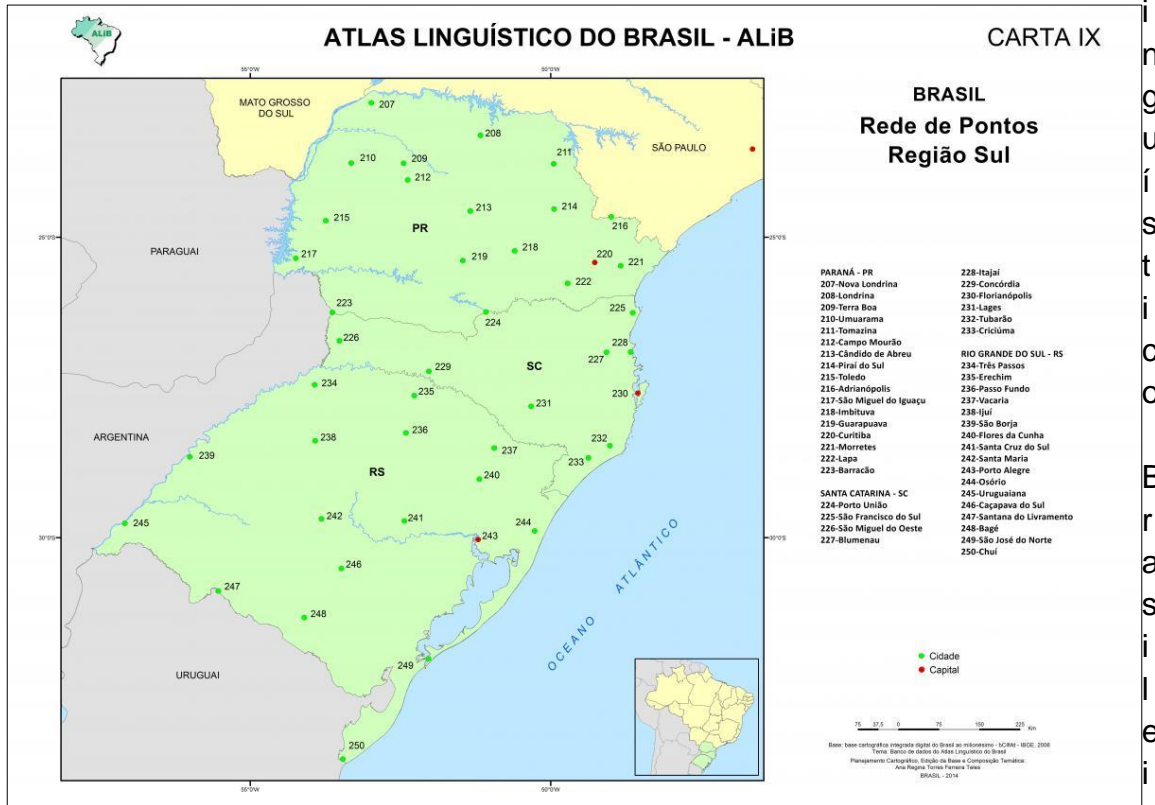
3.2.1 Região Sul

Com uma área de 576.774.310 km², esta região é formada por três estados, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. É considerada a menor região do país, ela faz fronteira com outros países: Uruguai, Paraguai e Argentina e possui grande fonte de renda na industrialização, produção de vinhos, frutos do mar em Santa Catarina (como ostras e mexilhões), agricultura, pecuária, além de pontos turísticos, como Gramado e Canela no Rio Grande do Sul e as Cataratas do Iguaçu no Paraná, também consideradas patrimônio da humanidade¹¹.

11 . (Fonte: <https://www.todamateria.com.br/regiao-sul/>. Acesso em 10 de fevereiro de 2019.)

A seguir, as redes de pontos da Região Sul são apresentadas na Figura 1:

Figura 1 – Rede de pontos da Região Sul, conforme distribuição do Atlas



o (ALiB).

Fonte: CARDOSO, S. *et al.* Atlas linguístico do Brasil. Cartas linguísticas 1, vol. 2. Londrina EDUEL, 2014.

3.2.2 Apresentação das localidades do Sul

Da Região Sul, nesta pesquisa, busca-se analisar a fala dos informantes de duas capitais: Florianópolis, em Santa Catarina e Curitiba, no Paraná.

3.2.3 Florianópolis

A ilha de Florianópolis é constituída da seguinte forma, conforme ilustrado na Figura 2.

Figura 2 – Mapa de Florianópolis.



Fonte: (<https://mapasblog.blogspot.com/2011/02/mapas-de-florianopolis-sc.html>)

Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, tem 492.977 (IBGE, 2018. Com extensão territorial de 675,4 km² e elevação de 2,74 metros de altitude, é formada por um conjunto de ilhas: de Santa Catarina, ilha principal, algumas ilhas circundantes menores e a parte continental.

Conta com duas universidades, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), um Instituto Federal de Santa Catarina e uma Faculdade, CESUSC.

A data de fundação é registrada sendo 23 de março de 1673, mas, antes disso, já habitavam os índios tupis-guaranis. Foi Francisco Dias Velho, em 1675, juntamente de familiares, que deu início a povoação da ilha com a fundação de Nossa Senhora do Desterro (localizada Florianópolis atualmente)¹².

O século XIX foi marcada pela imigração japonesa, alemã e italiana em Santa Catarina, a comunidade italiana ficou mais ao Sul do Estado, já a influência alemã se espalhou mais norte do Estado. Nos dias atuais, ainda há forte influência alemã na cultura, arquitetura e culinária em várias cidades, como Brusque, Joinville (maior cidade de Santa Catarina), Blumenau.

2.2.4 Curitiba

Fundada em 29 de março de 1693, a capital do Paraná possui extensão territorial de 435.036 km², com elevação de 935 metros de altitude. Possui, segundo os dados do IBGE (2018), 1.917.185,00 de habitantes, sendo a oitava maior capital do país.

Com relação à colonização, foi diversificada, “até o século 18, eram os índios, mamelucos, portugueses e espanhóis que predominavam na cidade. Com a emancipação política do Paraná (1854) e o incentivo governamental à colonização na segunda metade do século 19, Curitiba recebeu uma grande leva de europeus. Alemães, franceses, suíços, austríacos, sírios, libaneses, poloneses, italianos, ucranianos presentes nos centros urbanos ou nos núcleos coloniais, conferiram um novo ritmo de crescimento à cidade [...]”¹³.

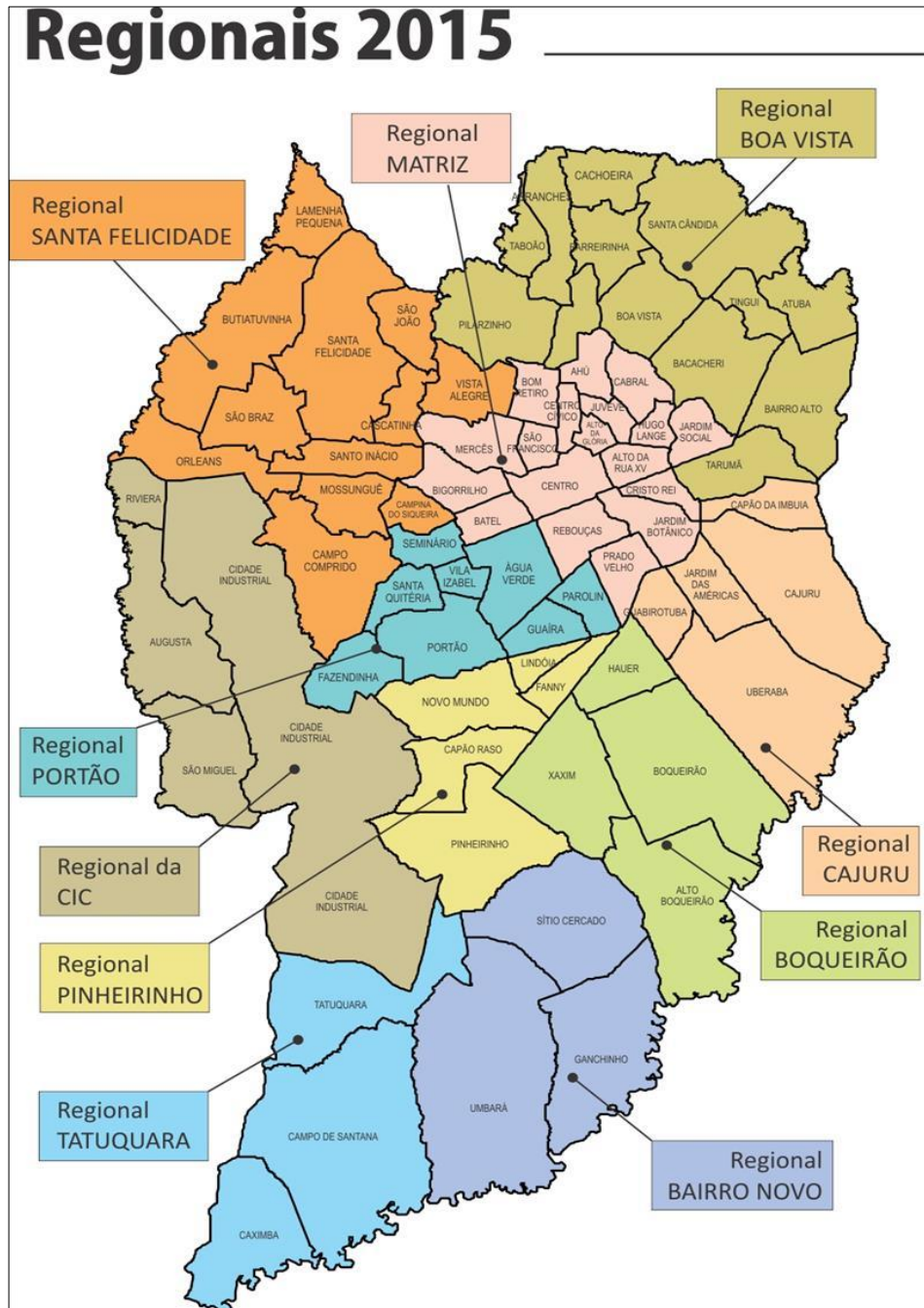
A cidade dispõe de universidades como a Universidade Federal do Paraná (UFPR), fundada em 1950, Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Universidade Tecnológica Federal do Paraná – *câmpus* Curitiba (UTFPR),

12 . Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/florianopolis/historico>.

13 . (Fonte: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/turismo/curitiba>).

Universidade Estadual do Paraná (Unespar), Universidade Positivo, entre outras, além de centros universitários. Na figura 3, encontra-se o mapa da capital do Estado do Paraná, Curitiba:

Figura 3 – Mapa de Curitiba:



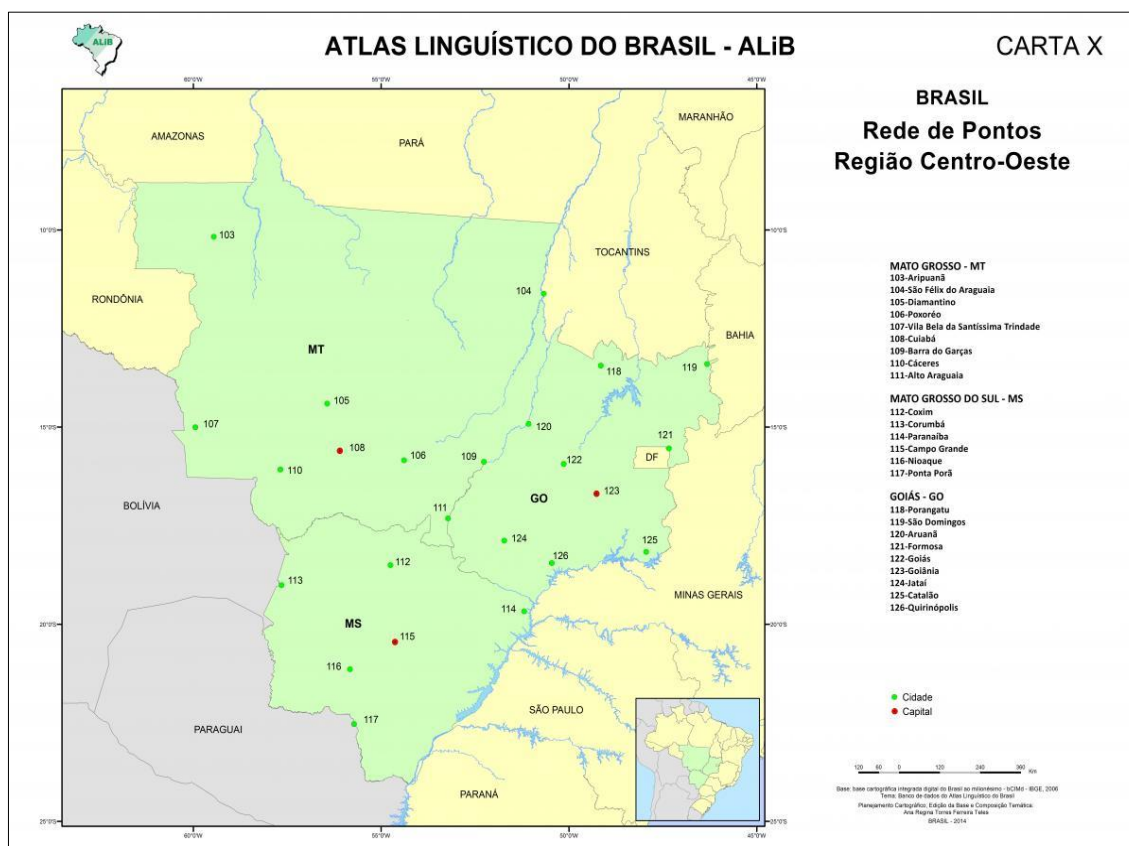
Fonte: (<http://www.curitiba.pr.gov.br/fotos/album-novo-mapa-regionais/23644>)

3.2.5 Região Centro-Oeste

A Região Centro-oeste comporta três estados brasileiros: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, que ampara a capital do país, Brasília. Possui uma área de 1.606.399.509 km², faz fronteira com a Bolívia e o Paraguai, sendo a única região do país que não é banhada pelo mar.

Conta com grande diversidade de vegetação, como o Pantanal Mato-grossense e Cerrado, com clima tropical semi-úmido, apresenta duas estações bem definidas: úmido no verão e seco durante o inverno, a economia é movida pela ferroviária, agricultura e pecuária¹⁴. Na Figura 4, as redes de pontos da Região Centro-oeste são expostas:

Figura 4 – Rede de pontos da Região Centro-oeste, conforme distribuição do Atlas Linguístico Brasileiro (ALiB).



Fonte: CARDOSO, S. *et al.* Atlas linguístico do Brasil. Cartas linguísticas 1, vol. 2. Londrina EDUEL, 2014.

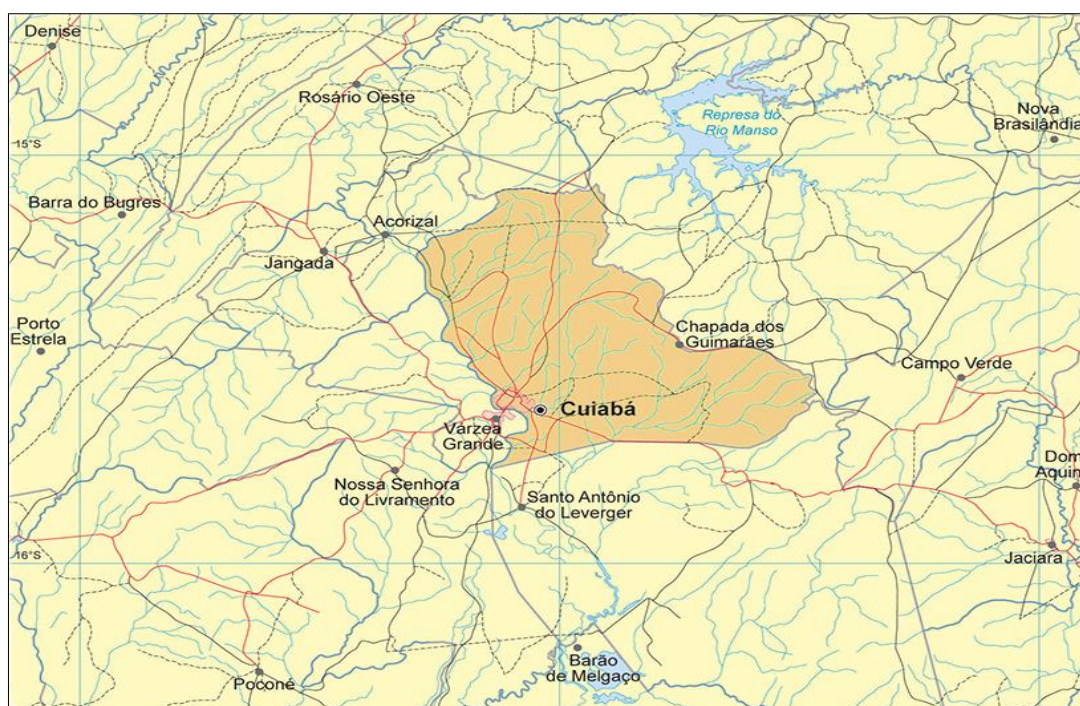
3.2.6 Exposição das localidades do Centro-oeste

Nesta seção, duas capitais da Região Centro-oeste são apresentadas com um resumo de sua criação.

3.2.7 Cuiabá

Cuiabá, capital do Mato Grosso, ilustrada na Figura 5:

Figura 5 – Mapa de Cuiabá.



Fonte: (<https://www.brasil-turismo.com/mato-grosso/cuiaba-mapa.htm>)

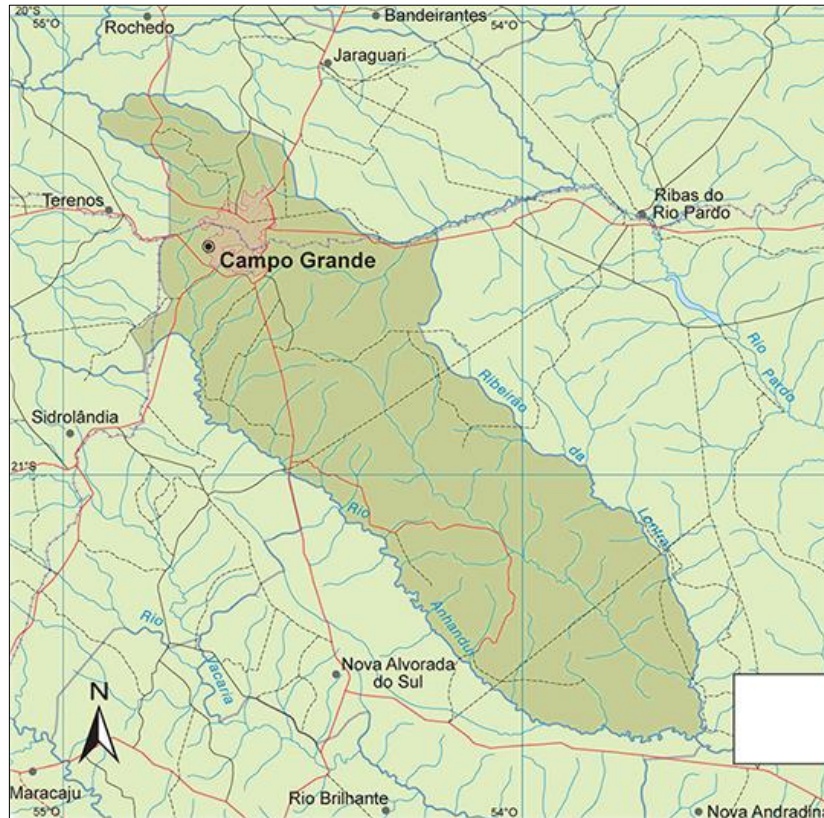
Cuiabá foi fundada 8 de abril de 1719, possui 3.292 km², 165 metros de altitude, com uma população estimada em 607.153 habitantes (IBGE, 2018), de influência indígena, africana, portuguesa e espanhola.

A cidade é composta de duas universidades, Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e Universidade de Cuiabá (UNIC), e um centro universitário.

3.2.8 Campo Grande

Segue o mapa da cidade na Figura 6:

Figura 6 – Mapa de Campo Grande.



Fonte: (<https://www.brasil-turismo.com/mato-grosso-sul/campo-grande-mapa.htm>)

Em Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, há 885.711 de habitantes, conforme os dados do IBGE (2018). O território contempla 8.096 km², com 592 metros de altitude.

A cidade foi fundada em 26 de agosto de 1899, possui colonização indígena, mineira, africana, japonesa, portuguesa, paraguaia, sírio-libanesa, bolivianos, gaúchos e italiana. Além disso, tem universidades, como Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), institutos e faculdades.

3.3 Constituição do *corpus* deste trabalho

O *corpus* analisado, nesta pesquisa, constitui-se da fala de 32 informantes, distribuídos em quatro localidades: i) Florianópolis, ii) Curitiba; iii) Cuiabá, iv) Campo Grande, com oito informantes em cada capital, quatro do sexo feminino e quatro do sexo masculino.

Ainda sobre os informantes, foram divididos em duas faixas etárias – Faixa Etária I e Faixa Etária II, com dois graus de escolaridades – Ensino Fundamental e Ensino Superior. As capitais foram escolhidas justamente por essa razão, pois pretende-se analisar a influência do grau de escolaridade em relação ao preenchimento do sujeito.

Os dados utilizados, nesse estudo, foram coletados pela equipe do ALiB (COMITÊ, 2001) no período de 06 de julho de 2001 a 05 de novembro de 2004, recortados de “Temas para Discursos Semidirigidos”¹⁵.

Em conformidade com Tarallo (2002, p. 23):

A narrativa de experiência pessoal é a mina de ouro que o pesquisador-sociolinguista procura. Ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativa, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma.

Com o relato, o discurso torna-se menos monitorado e mais próximo ao que o falante usaria no dia a dia em situações corriqueiras ou menos informais.

3.4 Codificação dos dados

Os dados foram codificados do seguinte modo no Programa GoldVarb X (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001):

15 . Com exceção da informante 17, de Cuiabá, faixa etária II, de Ensino Superior, pois ela antecedeu seu relato ao detalhar mais na seção intitulada “Questionário Morfológico”, por isso, a equipe inquiridora não solicitou que fizesse novos relatos sobre os Temas para Discursos Semidirigidos.

Tabela 8 – Codificação das variáveis extralinguísticas.

Variáveis extralinguísticas	Símbolo
Localidade	A – Florianópolis U – Curitiba E – Cuiabá O – Campo Grande
Sexo	H – masculino M – feminino
Faixa etária	J – I (18-30 anos) Y – II (50-65 anos)
Grau de escolaridade	I – Ensino Fundamental S – Ensino Superior

Fonte: A própria autora.

Tabela 9 – Codificação das variáveis linguísticas.

Variáveis linguísticas	Símbolo
Elemento que ocupa posição de sujeito	d
Verbo	r – com desinência marcada c – sem desinência marcada

Fonte: A própria autora.

3.5 Seleção das variáveis

As variáveis linguísticas analisadas foram escolhidas a partir da relevância que apresentaram nos estudos sobre o sujeito pleno:

- variáveis extralinguísticas: sexo, faixa etária, grau de escolaridade e localidade;

- variáveis linguísticas: antecedente, isto é, elemento que pode ocupar a posição de sujeito em casos de não preenchimento por alçamento e desinência verbal de primeira pessoa do singular marcada/não marcada¹⁶. Por exemplo:

12. “[...] e a televisão lamentavelmente parece que procura todas as coisas ruins pra divulgar pro povo, né?” (Inf. Masculino, faixa etária II, Ensino Superior, Campo Grande.), com o alçamento em uma construção com verbo parecer.

13. “Porque eu desde os catorze anos que eu trabalho com criança” (Inf. Feminino, faixa etária II, Ensino Superior, Cuiabá), desinência do verbo marcada.

14. “[...] eu já tava no ginásio” (Inf. Feminino, faixa etária II, Ensino Superior, Cuiabá), desinência do verbo não marcada.

Com relação à variável sexo, esta se mostra relevante para a pesquisa a fim de analisar a mudança linguística, dado que “não raro, as mulheres tendem a liderar processos de mudança linguística” (PAIVA, 2015, p.36), principalmente se trata-se de uma variante inovadora prestigiada, pois associa-se ao nível de formalismo dos papéis femininos ou outra razão seria a necessidade de afirmação da mulher na sociedade no mercado de trabalho ou até mesmo ligados à sensibilidade (Paiva, 2015).

As diferenças em relação às gerações indicam se o fenômeno está estável ou em mudança em curso, deve-se “tentar um recorte transversal da amostra sincrônica em função da faixa etária dos informantes. Dessa maneira estará acrescentando uma primeira dimensão histórica à sua análise: o tempo aparente” (TARALLO, 2002, p. 65).

Averiguar o grau de escolaridade reflete se estar mais tempos nos bancos escolares interfere no uso da língua, pois as formas usadas por falantes escolarizados, via de regra, são consideradas de prestígio ou sem estigma. Consoante a Votre (2015 [2004]), no dia a dia, averigua-se se a escola, de fato, interfere na fala e na escrita dos indivíduos que a frequentam, permite-se verificar “a influência da variável nível de escolarização, ou escolaridade, como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança” (VOTRE, 2015 [2004], p.51).

16 . As variáveis pessoa gramatical e modo verbal também foram verificadas, mas descartadas conforme será explicado mais adiante.

A variável localidade é importante para a análise porque “um estudo mais atento do problema de transição inevitavelmente nos leva a considerar a transferência de uma forma ou regra linguísticas de uma pessoa para outra” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 92), ainda segundo Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968], p. 93):

Se abandonarmos o idioleto individual homogêneo como modelo para língua, podemos sugerir um mecanismo de transferência mais inteligível. Parece razoável dizer que a transferência ocorre quando o falante A aprende a forma ou a regra usada pelo falante B, e que a regra então coexiste na competência linguística de A junto com sua forma ou regra anterior.

Ao comparar as localidades, permite-se verificar se o fenômeno é local ou geral, ainda, se formação do local interfere no uso do sujeito pleno ou nulo.

Ao voltar-se ao antecedente do verbo, por mais que a posição de sujeito aparente estar nula, permite-se saber se aquilo que precede, por exemplo, um advérbio, realiza essa função, pois pode haver um alçamento, ou seja, o deslocamento de um elemento para a posição de sujeito para que o EPP¹⁷ seja satisfeito.

A desinência verbal marcada sugere que não há necessidade de se preencher com um sujeito, isso é confirmado se, de fato, o pronome fica nulo nesses casos. Se o pronome é preferido mesmo quando se pode reconhecer a pessoa gramatical, prova que a questão não é desfazer ambiguidades nas formas em que duas pessoas coincidem, como exemplo, o pretérito imperfeito (eu disse/ele disse).

3.6 Tratamento dos dados

“A realização de análises quantitativas possibilita o estudo da variação, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua eventual relação com a mudança linguística” (GUY e ZILLES, p. 73). Assim é definida a importância de fazer pesquisas quantitativas, já que trabalhar com estatísticas agrega propriedade ao trabalho.

17 . EPP: Princípio de Projeção Estendida – em toda oração deve conter algo na posição de sujeito, em casos de verbos impessoais, há um pronome (pro) com traço de pessoa e número, mas não é realizado foneticamente.

Para o tratamento dos dados, o programa escolhido foi o GoldVarb X (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001), o qual fornece dados em percentual e peso relativo. Após rodá-los em percentual, ao demandar uma análise binominal, o programa seleciona as variáveis produtivas e oferece os resultados em peso relativo:

[...] os quais devem ser entendidos da seguinte maneira: se o resultado for igual a 0,500, significa que aquele fenômeno é neutro em relação à aplicação da regra, se for inferior, é desfavorável; e se for superior, é favorável. Quanto mais inferior, mais desfavorável, quanto mais superior, mais favorável. Só não pode chegar a 0% e 100%, porque, dessa forma, não teríamos variação (KAILER, 2008, p.111).

As variáveis desinência verbal explícita/implícita, grau de escolaridade e localidade foram selecionadas pelo programa como produtiva, por essa razão, uma análise binomial foi realizada e os resultados também foram apresentados em peso relativo. A análise desses dados está contida no capítulo seguinte.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Depois de expor o tratamento dos dados, nesse capítulo, os resultados obtidos são apresentados, a fim de comparar com estudos sobre o mesmo fenômeno e com o objetivo de compreender o comportamento do sujeito pleno nas localidades em estudo. E assim confirmar ou refutar a hipótese levantada nesta pesquisa, isto é, de que haverá o predomínio do sujeito pleno.

4.1 Resultados

Ao todo, obteve-se 1.186 dados, dos quais 920 (77,7%) ocorrências foram com o uso do sujeito pleno e somente 266 (22,4%) para o sujeito nulo. A predominância do uso pleno demonstra avanço de tendência de preencher, pois Duarte (1995) encontrou 71% de sujeitos plenos e 29% de nulos.

O grande número de preenchimento pronominal sugere que, em PB, a forma inovadora *plena* (DUARTE, 2006) é a preferível pelos falantes. Na Tabela 10, há a distribuição do uso de plenos e nulos com relação à pessoa gramatical.

Nessa Tabela, encontra-se um panorama do que vem ocorrendo no PB quanto ao uso dos pronomes quanto a essas pessoas gramaticais.

Selecionou-se o gênero *relato*, pois é solicitado ao informante relatar um fato marcante em sua vida ou de outra pessoa, há expressiva ocorrência de primeira pessoa do singular *eu* (66,6%), apresenta algo muito interessante, visto que é uma forma que ainda possui a forma flexional distinta das outras pessoas, mas ainda assim o uso pleno predominou, indicando que, por mais que isto seja exposto nas gramáticas tradicionais (GTs), o uso do sujeito pleno de primeira pessoa “não ocorre somente para dar ênfase ou desfazer ambiguidades”, [...] trata-se de uma utilização que se tornou comum, habitual” (BOTASSINI, 1998, p.68).

Em seguida, há *ele/ela* (19,4%), *a gente* (7,8%), *eles/elas* com concordância (4%), *nós* (1,5%) e *você* – indeterminado – (1,5%) ocupam esta posição, depois, *composto* (0,3%), e, por fim, *vocês* (0,1%). Além disso, os seguintes casos tiveram nenhuma ocorrência: *tu* – indeterminado – (1,0%), *a gente* – indeterminado – (0,8%) e *você* (0,8%), *tu* (0,5%) e *eles/elas* sem concordância (0,3%).

Tabela 10 – Ocorrências de sujeito pleno e nulo com relação à pessoa gramatical.

Pessoa Gramatical	Pleno	Nulo
1. ^a pessoa do singular – eu	920 (77.7%)	266 (22.4%)
1. ^a pessoa do plural – a gente	121 (99.2%)	1 (0.8%)
1. ^a pessoa do plural – nós	19 (82.6%)	4 (17.4%)
2. ^a pessoa do singular – tu (sem concordância)	8 (100%)	0
2. ^a pessoa do singular – você	13 (100%)	0
2. ^a pessoa do plural – vocês	2 (100%)	0
3. ^a pessoa do singular – ele/ela	269 (88.2%)	36 (11.8%)
3. ^a pessoa do plural – eles/elas (com concordância)	57 (90.5%)	6 (9.5%)
3. ^a pessoa do plural – eles/elas (sem concordância)	4 (100%)	0
A gente (indeterminado)	13 (100%)	0
Tu (indeterminado)	16 (100%)	0
Você indeterminado	22 (95.7%)	1 (4.3%)
Composto	4 (80%)	1 (20%)
Total	1316 (83.7%)	257 (16.3%)

Fonte: A própria autora com base nos resultados obtidos para a pessoa gramatical com dados do ALiB (COMITÉ, 2001).

Esses resultados com o uso pleno para o pronome *eu* encontram respaldo em Cyrino, Duarte e Kato (2000). Para esses casos, Chomsky (1981) postulou que o esperado seria um “pro”¹⁸. No estudo das referidas autoras, elas exemplificam com as seguintes orações:

15. **Eu** estou doente.

16. O Carlos disse que **ele** está doente¹⁹.

(Fonte: Retirado de Cyrino, Duarte e Kato, 2000, p.58)

Já, nessa pesquisa, ocorrências semelhantes aos casos apresentados pelas pesquisadoras foram verificados, conforme os exemplos a seguir:

17. “Ah, feliz assim **eu** fiquei bem feliz quando **eu** passei no vestibular, porque eu não... eu não... na época **eu** não tinha dinheiro pra fazer a inscrição [...]” (Inf. Feminino, faixa etária I, Ensino Superior, Florianópolis.)

18. “Só pra mim também (liga e) vê **um jornal nacional** que **ele** é só, só desgraça [...]” (Inf. Masculino, faixa etária II, Ensino Superior, Campo Grande.)

Este último preenchimento se assemelha ao alemão, em que é preenchido o sujeito da oração encaixada:

19. Der mann besteht darauf dass er der beste läufer der stadt ist.
art. suj. v. contração conj. pron. art. adj. subs. art. subs. v.

(O homem insiste (nisso) que ele é o melhor corredor da cidade).

Outro caso de sujeito pleno é aquele em que ocorre o *pronome cópia* (TARALLO, 1985), também conhecido por *duplo sujeito* (DUARTE, 1995), *pronome lembrete* (GALVES, 2001) ou *enunciados com tópico* (MENON, 2002), em que há um pronome anteposto ou posposto ao sintagma nominal, casos foram encontrados nesse trabalho, por exemplo:

20. “Falô irmão, **o Diabo ele** é sujo, cê entendeu? Ele falô desse jeito no linguajá dele, falô **o Diabo ele** é sujo [...]” (Inf. Masculino, faixa etária I, Ensino Fundamental, Campo Grande.)

21. “Porque **o homem** (via de regra) **ele** crê em Deus [...]” (Inf. Masculino, faixa etária II, Ensino Superior, Campo Grande.)

18 . O “pro” é um pronome expletivo, com função sintática, está ali para satisfazer o EPP – Extended Projection Principle (Princípio da Projeção Estendida).

19 . As marcações em negrito são grifos da autora.

22. “ Só que **ela** nasceu aqui, **minha mãe**.” (Inf. Masculino, faixa etária II, Ensino Fundamental, Campo Grande.)

23. “ [...] **a Bandeirantes ela** mostra [...]” (Inf. Masculino, faixa etária II, Ensino Fundamental, Curitiba.)

Já em alguns casos, quando não há o preenchimento com o pronome, há um termo que possa ocupar a posição de sujeito (AVELAR, 2009; AVELAR e GALVES, 2014), segundo a Tabela 11, foram encontrados 123 casos, em que não houve um preenchimento com o pronome, mas há um antecedente que possa ocupar essa função de sujeito:

Tabela 11 – Preenchimento da posição de sujeito com um antecedente.

Variável antecedente	Nulo preenchido
Adjunto adverbial ocupando posição de sujeito.	123 ocorrências

Fonte: A própria autora com base nos resultados obtidos para a variável antecedente com dados do ALiB (COMITÉ, 2001).

Avelar e Galves (2014) afirmam que essa topicalização é influência de línguas africanas, “esse argumento é sustentado pelo fato de o padrão frásico comum às construções com concordância locativa ser largamente atestado entre as línguas bantas, sob o rótulo do que se convencionou chamar de *inversão locativa* na literatura da área” (p. 255), inclusive concordam em número e gênero como mostrado nos exemplos a seguir:

24. “*algumas concessionárias* tão caindo o preço [do carro]”

25. “No interior de SP e do Rio, *algumas cidades* nevam”

(**Fonte:** Retirado de Avelar e Galves, 2014, p. 255)

No presente estudo, alguns casos como esses foram encontrados, como exemplos:

26. “Amanhã tô viajando [...]” (Inf. Masculino, faixa etária II, Ensino Superior, Campo Grande.)

27. “Nunca deixei [...]” (Inf. Feminino, faixa etária II, Ensino Superior, Florianópolis.)

Se a primeira pessoa do singular ainda é a forma distinta, uma pressuposição seria que a desinência verbal bastaria, mas percebe-se a predisposição ao preenchimento mesmo quando o verbo tem a desinência explícita, conforme é apresentado na Tabela 12.

Tabela 12 – Plenos e nulos na primeira pessoa do singular *eu* com relação à variável marcação verbal.

Variável	Pleno	Nulo	Peso Relativo
com desinência verbal explícita	739 (74.9%)	248 (25.1%)	0.450
sem desinência verbal explícita	181 (91%)	18 (9%)	0.732
Input: 0.791	Significance: 0.004		

Fonte: A própria autora com base nos dados obtidos para a variável marcação verbal com dados do ALiB (COMITÉ, 2001).

Ao analisar o Tabela 12, percebe-se que há um alto preenchimento mesmo em casos em que o sujeito pode ser recuperado pela desinência verbal, com um total de 739 (74.9%) quando a desinência verbal é explícita e 181 (91%) com a desinência verbal não explícita.

Os resultados de Duarte (1995), sobre o sujeito nulo em uma amostra de 1992, apontam 138 (29%) ocorrências quando a desinência está explícita e 37 casos (24%) com desinência implícita. Em contrapartida, neste estudo, foram encontradas 248 (25.1%) ocorrências quando a desinência pode ser reconhecida e 18 ocorrências (9%) sem desinência explícita. Comparando os dois resultados, é possível verificar que houve um aumento no preenchimento do sujeito quando a desinência está implícita (de 24% em 1992, encontra-se 9% em 2001/2002). Isso provavelmente esteja acontecendo, para evitar confusão de pessoa gramatical, por conta da predominância da desinência zero (Eu/você/a gente ia). Esse indício de mudança fica mais notório ao verificar os resultados em peso relativo, sendo 0.732, à medida que desinência marcada está abaixo do neutro, com 0.450.

Após a apresentação dos resultados das variáveis dependentes, as independentes estão na sequência.

A variável sexo é apresentada para averiguar se, realmente, as mulheres continuam a usar a variante considerada inovadora (LABOV, 2008 [1972]). Os resultados estão expostos na Tabela 13:

Tabela 13 – Ocorrências de sujeito pleno e nulo com relação à variável sexo.

Sexo	Pleno	Nulo
Feminino	454 (80.8%)	108 (19.2%)
Masculino	315 (75.9%)	100 (24.1%)
Total	769 (78.7%)	208 (21.3%)

Fonte: A própria autora com base nos resultados obtidos para a variável sexo com dados do ALiB (COMITÉ, 2001).

A variável sexo não se mostra relevante para o programa, uma vez que foram encontrados resultados similares, 315 casos (75.9%) de plenos e 100 (24.1%) de nulos para o sexo masculino, contra 605 ocorrências (78.5%) de plenos e 166 (21.5%) de nulos para o sexo feminino. No entanto, analisando linguisticamente, constata-se quão avançado está o uso do sujeito pleno, uma vez que ambos os sexos escolhem a forma preenchida. Com indícios de mudança em progresso, pois as mulheres preenchem um pouco mais. Estes resultados encontram eco nos estudos de Botassini (1998) e Menon (2002), pois ambos os sexos apresentam um número muito próximo de preenchimento e as mulheres também lideram, escolhendo a forma considerada de inovação.

Já em relação à variável faixa etária, obteve-se os seguintes resultados, conforme exposto na Tabela 14:

Tabela 14 – Ocorrências de sujeito pleno e nulo com relação à variável faixa etária.

Faixa etária	Pleno	Nulo
Faixa etária I	398 (79.0%)	106 (21.0%)
Faixa etária II	522 (76.5%)	160 (23.5%)

Fonte: A própria autora com base nos resultados obtidos para a variável faixa etária com dados do ALiB (COMITÉ, 2001).

No que tange à faixa etária, os resultados também se mostraram muito próximos, demonstrando que a faixa etária não influencia na aplicação de sujeito pleno, pois houve 398 ocorrências (79.0%) para a faixa etária I, em comparação à faixa etária II, foram 522 ocorrências (76.5%).

Resultados discrepantes são vistos nos estudos de Botassini (1998) e Menon (2002). A primeira pesquisadora teve, para a 1.^a faixa etária 6.977 (55%) e 6.049 (52%) para a 2.^a faixa etária. Já a segunda dividiu em três faixas: FE1 (25-35 anos), com $215/307 = 70\%$, FE2 (36-55 anos), possuindo $208/274 = 76\%$ e FE3 (+ de 56 anos), $206/357 (58\%)$. Para a análise deste trabalho, somente as faixas 1 e 3 de Menon (2002) foram consideradas, pois são as que mais se aproximam aos critérios do ALiB para as faixas etárias.

Quando não há diferenças significativas entre as faixas etárias, isso indica que o fenômeno está em variação estável, pois, se há um número maior de ocorrências do fenômeno para a faixa etária mais jovem, indica que está fazendo uso da forma considerada inovadora e isso demonstra mudança em curso (TARALLO, 2002).

Ao verificar o grau de escolaridade, cogita-se que a escolarização interfere em certas escolhas linguísticas, pois hipotetiza-se que, quanto mais escolarizada a pessoa for, mais próxima será da fala culta, esperando que a escola sirva de ascensão social. Nesta vertente, é possível averiguar, por meio da escolarização, se há estigma, “o modo de comunicação das pessoas desprovidas de prestígio

econômico e social tende a ser coletivamente avaliado como estigmatizado” (VOTRE, 2015 [2004], p. 52). Apesar de o fato de um indivíduo menos escolarizado não demonstrar, necessariamente, que ele possua menos prestígio econômico e social, há a possibilidade de analisar quais escolhas são preferíveis por indivíduos mais ou menos escolarizados e se a sociedade considera que seja uma forma de mais ou menos prestígio.

Com relação ao grau de escolaridade, os resultados encontrados para essa variável estão expostos na Tabela 15:

Tabela 15 – Ocorrências de sujeito pleno com relação à variável grau de escolaridade.

Grau de escolaridade	Pleno	Nulo	P. R.
Ensino Fundamental	220 (71.7%)	87 (28.3%)	0.409
Ensino Superior	700 (79.6%)	179 (20.4%)	0.532
Input: 0.791	Significance: 0.004		

Fonte: A própria autora com base nos resultados obtidos para a variável grau de escolaridade com dados do ALiB (COMITÉ, 2001).

Verifica-se, por meio da Tabela 15, que o fenômeno talvez não seja considerado estigmatizado, uma vez que, embora ambos tenham preenchido significativamente, os informantes de nível superior fizeram maior uso do sujeito pleno 700 (79.6%) ocorrências, contra 220 (71,7%) para os informantes de Ensino Fundamental. Já com relação ao nulo, 87 (28,3%) para os informantes com Ensino Fundamental e 179 (20.4%) para os de Ensino Superior. Botassini (1998) analisou o sujeito pleno em informantes do primário, do ginásio e do segundo grau, mas, uma

vez que o ALiB trabalha apenas com dois graus de escolaridade, o ginásio foi descartado nessa pesquisa.

Os resultados do presente estudo não ratificam os da pesquisadora, pois os falantes de Ensino Superior preencheram mais do que os de Ensino Fundamental. Assim, outra hipótese é que o indivíduo faça escolhas inconscientemente, ao competir as gramáticas presentes em sua mente, o uso sujeito pleno predomine por de fato a língua estar em processo de mudança paramétrica, mas que esta escolha não signifique menos prestígio, pelo menos, em termos de língua falada, o uso é preferível pelos falantes do PB. Com relação à língua escrita, talvez a realidade fosse outra, já que as correções feitas por profissionais na escola e pelas editoras riscam os pronomes que acham que estão em demasia no texto (MENON, 2002).

Com relação à variável localidade, segue a distribuição desses usos nas quatro capitais, segundo a Tabela 16:

Tabela 16 – Atuação da variável localidade para o uso do sujeito pleno *eu*.

Localidades	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Florianópolis	278/327	85.0%	0. 610
Curitiba	184/251	73.3%	0. 419
Cuiabá	303/411	73.7%	0. 445
Campo Grande	155/197	78.7%	0. 535
Input: 0.791	Significance: 0.004		

Fonte: A própria autora com base nos resultados obtidos para a variável localidade com dados do ALiB (COMITÉ, 2001).

De acordo com a Tabela 16, no que concerne ao preenchimento, em percentual, encontram-se os seguintes resultados para o uso do pronome pleno: em Florianópolis, 85%; Curitiba com 73.3%; Cuiabá, por sua vez, 73.7% e Campo Grande com 78.7%.

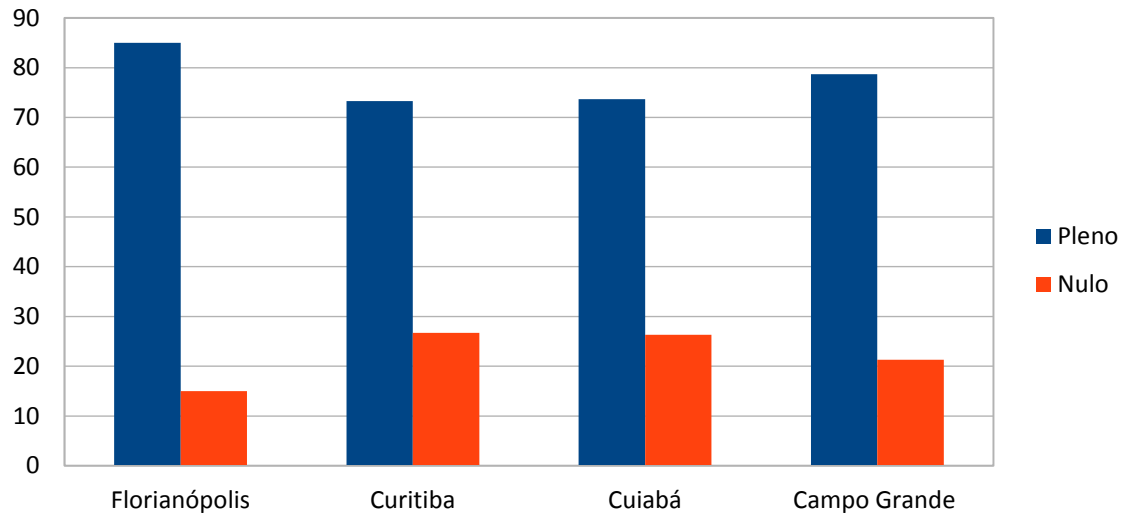
Outro trabalho analisando a etnia é de Botassini (1998), em que se investigou o uso em quatro cidades do Paraná e a preferência pelo pronome pleno também foi predominante. A pesquisadora obteve os seguintes resultados: em Curitiba, houve 61%; em Irati, o resultado foi igual, 61%; em Londrina, 62% pleno e Pato Branco com 60%. Já em peso relativo, todas as cidades se aproximaram da neutralidade, Curitiba (0.48), Irati (0.49), Londrina (0.52) e Pato Branco (0.51).

O programa selecionou a variável localidade como produtiva, também foram fornecidos resultados em peso relativo, Curitiba apresenta resistência ao uso pleno, com 0.419, seguida de Cuiabá 0.445. Por sua vez, houve neutralidade em Campo Grande, sendo 0.535 e em Florianópolis foi relevante, com 0.610. Hipotetiza-se que esse resultado talvez aconteça pela grande influência da cultura alemã no estado de Santa Catarina, pois “o fato de uma língua ter morfologia verbal `rica`, com formas marcadas para todas, ou quase todas as pessoas, não constitui empecilho para o uso obrigatório do pronome, como é o caso do alemão ou do holandês” (MENON, 2002, p.157), possibilitando que, na mente do falante, a competição entre pleno e nulo seja menor, por serem descendentes ou ter contato com outras pessoas que conhecem ou ouvem a língua. Confirmou-se que, de fato, a desinência verbal explícita não interfere no preenchimento ao analisar os dados com a primeira pessoa do singular.²⁰

Para ter melhor visualização da distribuição dos resultados em relação ao pleno e nulo das quatro capitais, os dados estão expostos no Gráfico 1, em que se vê nitidamente o predomínio do sujeito pleno:

20 . Conforme foi apresentado na Tabela 12, da página 62.

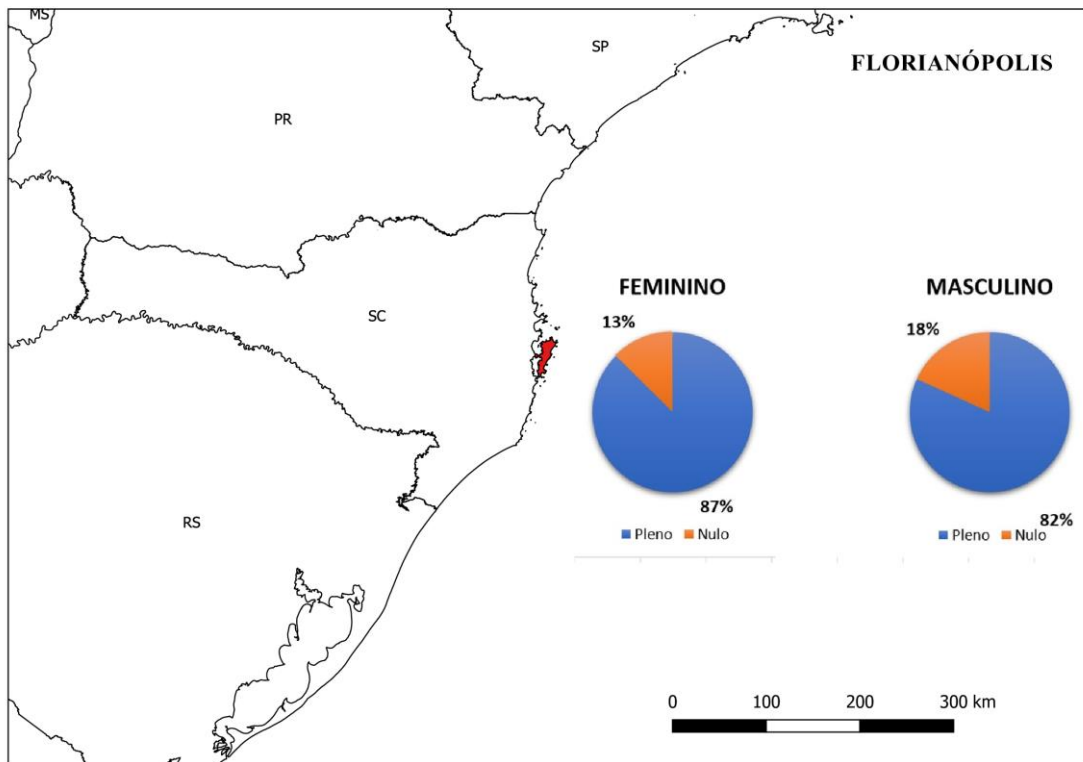
Gráfico 1 – Ocorrências de sujeito pleno e nulo com relação à variável localidade.



Fonte: A própria autora com base nos resultados obtidos para a variável localidade com dados do ALiB (COMITÊ, 2001).

A distribuição de pronomes plenos para a variável sexo obtiveram as seguintes porcentagens em Florianópolis: 87% (166 ocorrências) para as mulheres e 82% (112 ocorrências) para os homens, contra 13% (24 casos) e 18% (25 casos) de nulos, conforme está apresentado na Figura 7. Nesta capital, o uso do sujeito pleno foi predominante para o sexo feminino.

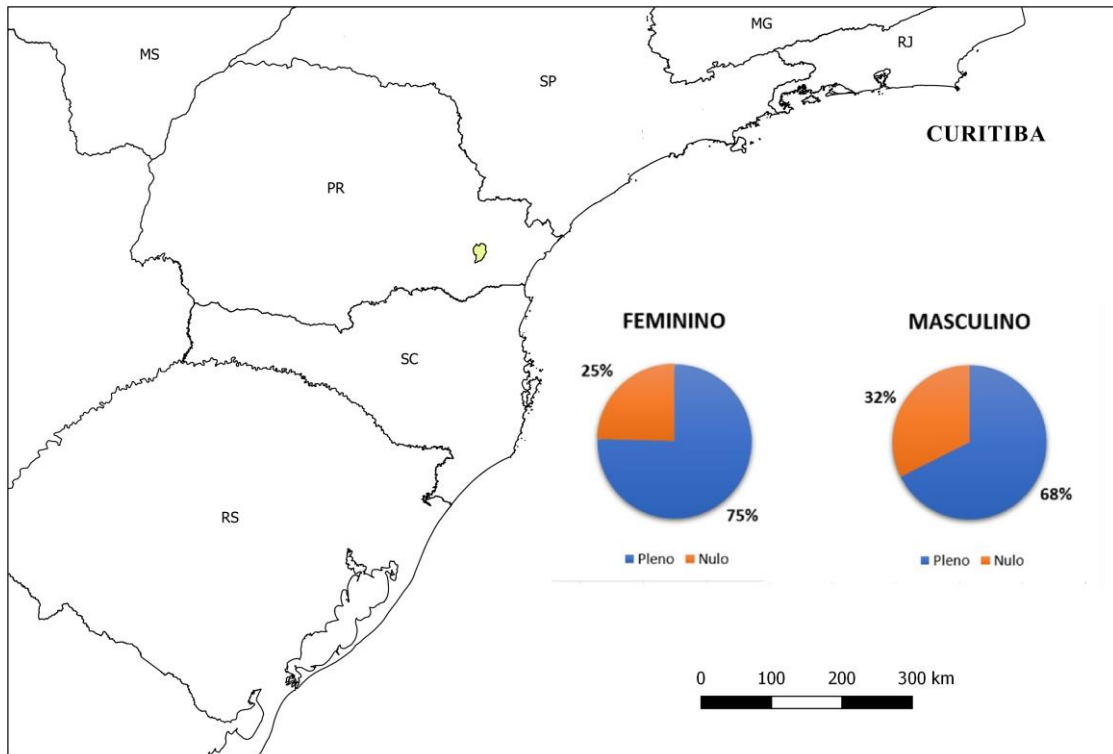
Figura 7 – Distribuição de plenos e nulos em Florianópolis para ambos os sexos.



Fonte: A própria autora.

Para a capital do Paraná, houve os seguintes resultados – 75% (138 ocorrências) de plenos para o sexo feminino e 68% (46 ocorrências) para o masculino – em contraposição, 25% (45 casos) de pronomes nulos para o primeiro e 32% (22 casos) para o segundo, conforme ilustrado na Figura 8, as mulheres também preencheram mais do que os homens em Curitiba.

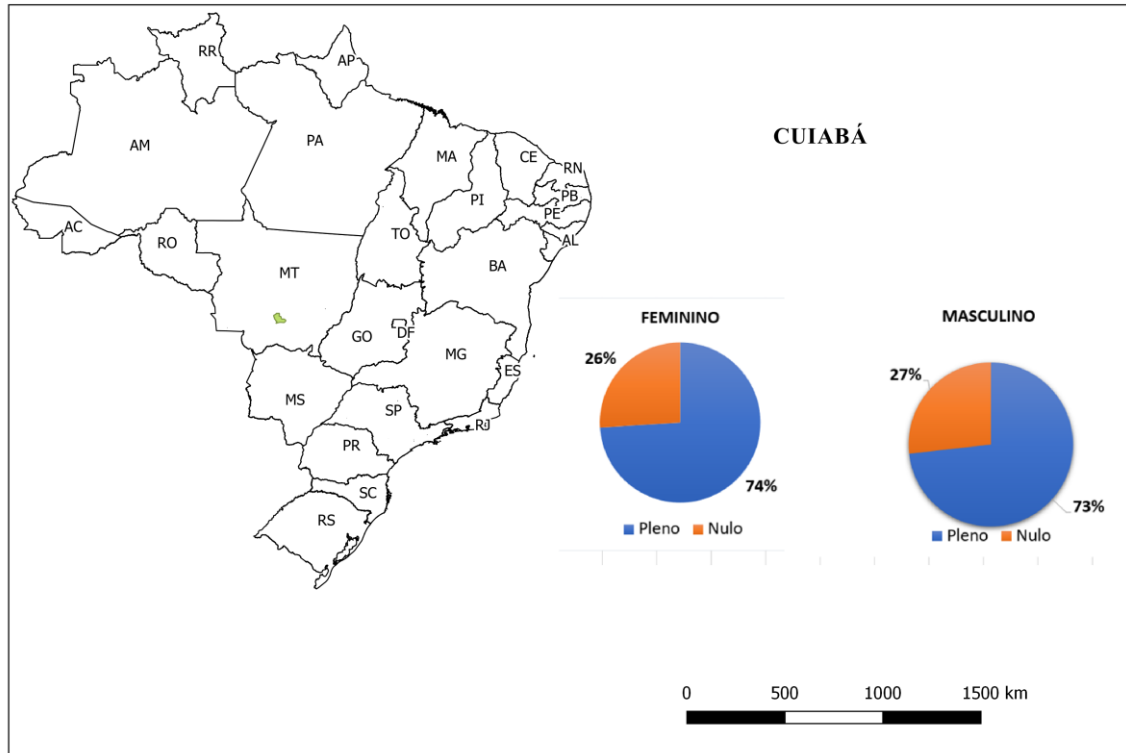
Figura 8 – Distribuição de plenos e nulos em Curitiba para ambos os sexos.



Fonte: A própria autora.

Segundo exposto na Figura 9, a disposição de sujeitos plenos em Cuiabá foi de 74% (213 ocorrências) para as mulheres e 73% (90 ocorrências) para os homens, com 26% (75 casos) de nulos para elas e 27% (33 casos) para eles. Novamente, constata-se que o sexo feminino fez maior utilização de pronomes plenos.

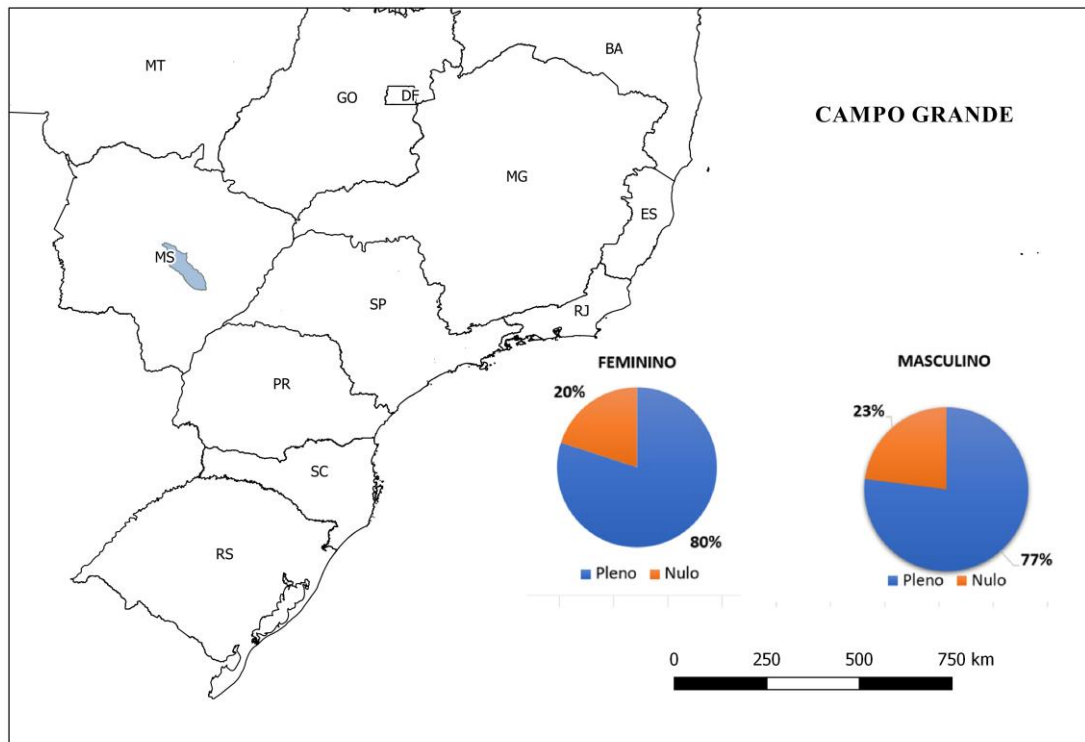
Figura 9 – Distribuição de plenos e nulos em Cuiabá para ambos os sexos.



Fonte: A própria autora.

Já em Campo Grande, para as mulheres, houve 80% (88 ocorrências) de sujeitos plenos e 20% (22 ocorrências) de sujeitos nulos. Para os homens, 77% (67 casos) de plenos e 23% (20 casos) de nulos, consoante a Figura 10, em que se verifica que elas, outra vez, preencheram mais do que eles.

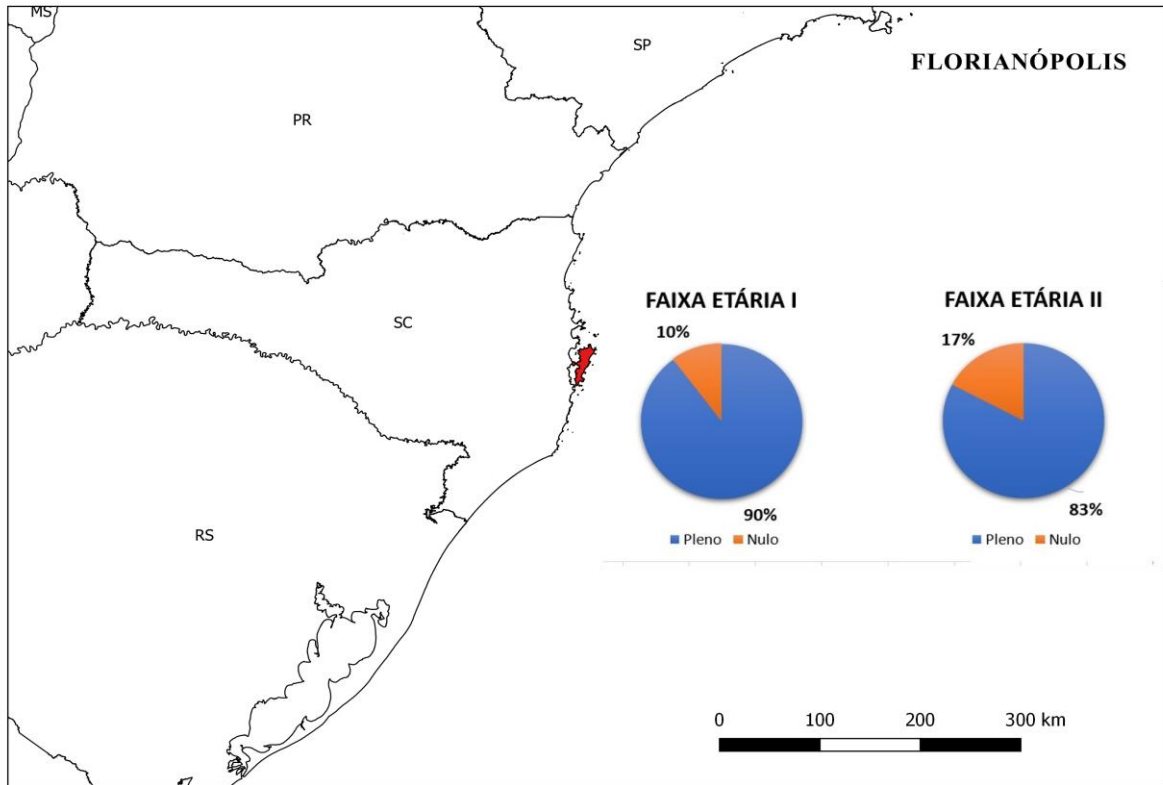
Figura 10 – Distribuição de plenos e nulos em Campo Grande para ambos os sexos.



Fonte: A própria autora.

Em relação à variável faixa etária, ocorreu do seguinte modo em Florianópolis: 90% (96 ocorrências) de plenos e 10% (11 ocorrências) de nulos para os informantes da faixa I; já a faixa II obteve 83% (182 casos) de pronomes plenos e 17% (38 casos) de nulos, conforme é mostrado na Figura 11. Percebe-se que a escolha plena foi feita mais por informantes da faixa etária I.

Figura 11 – Distribuição de plenos e nulos em Florianópolis para ambas as faixas

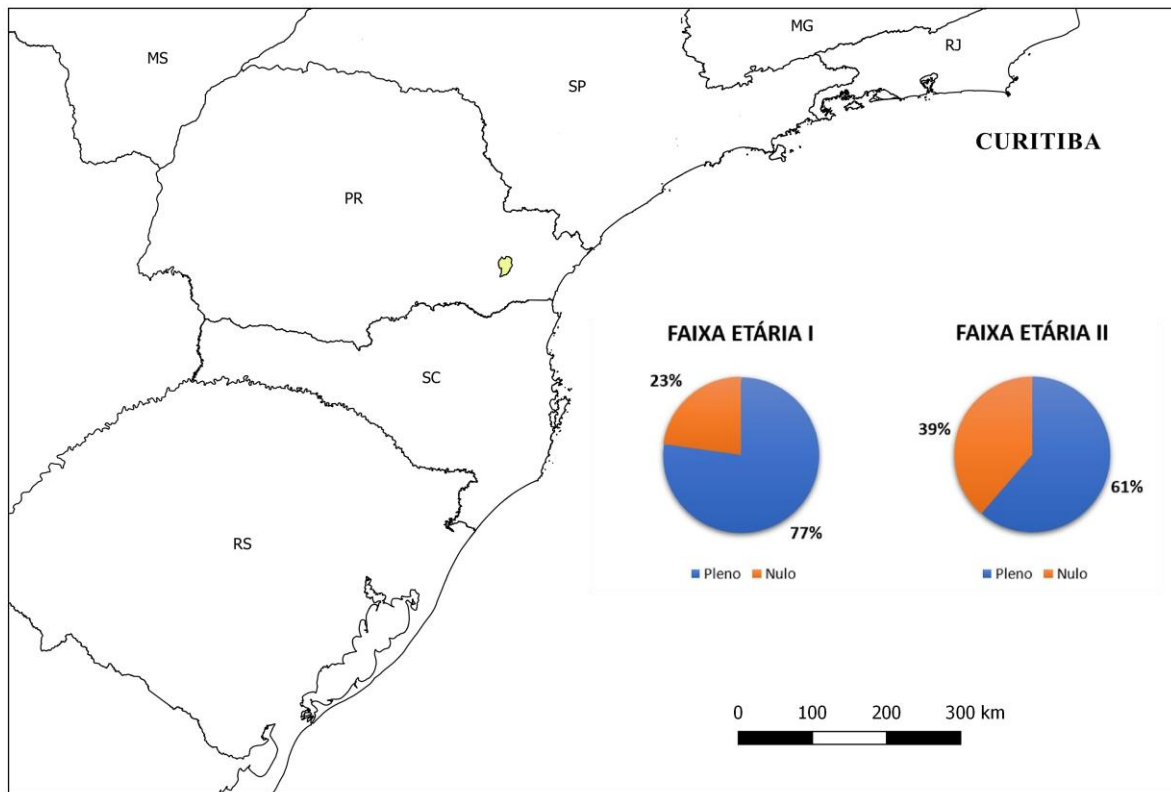


etárias.

Fonte: A própria autora.

Em Curitiba, para a faixa I, houve 77% (146 ocorrências) de plenos e 23% (43 ocorrências) de nulos, já a faixa II usou 61% (38 casos) de pronomes plenos e 39% (24 casos) de nulos, segundo é visto na Figura 12. A faixa etária I também fez mais uso da forma plena nesta capital.

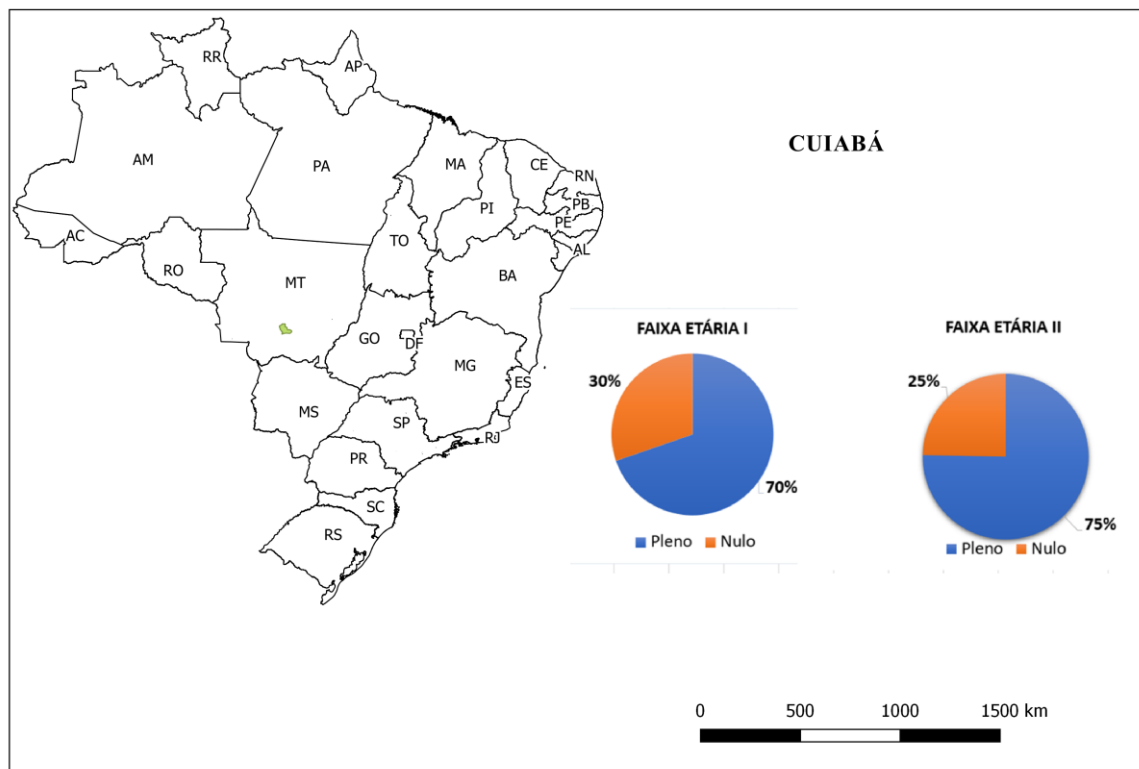
Figura 12 – Distribuição de plenos e nulos em Curitiba para ambas as faixas etárias.



Fonte: A própria autora.

A composição de sujeitos plenos em Cuiabá foi 70% (83 ocorrências) para a faixa etária I e 75% (220 ocorrências) para a faixa etária II, contra 30% (36 casos) de nulos para a primeira e 25% (72 casos) para a segunda, como é apresentado na Figura 13. Diferentemente das primeiras capitais, esta fez mais uso de plenos para a faixa etária II.

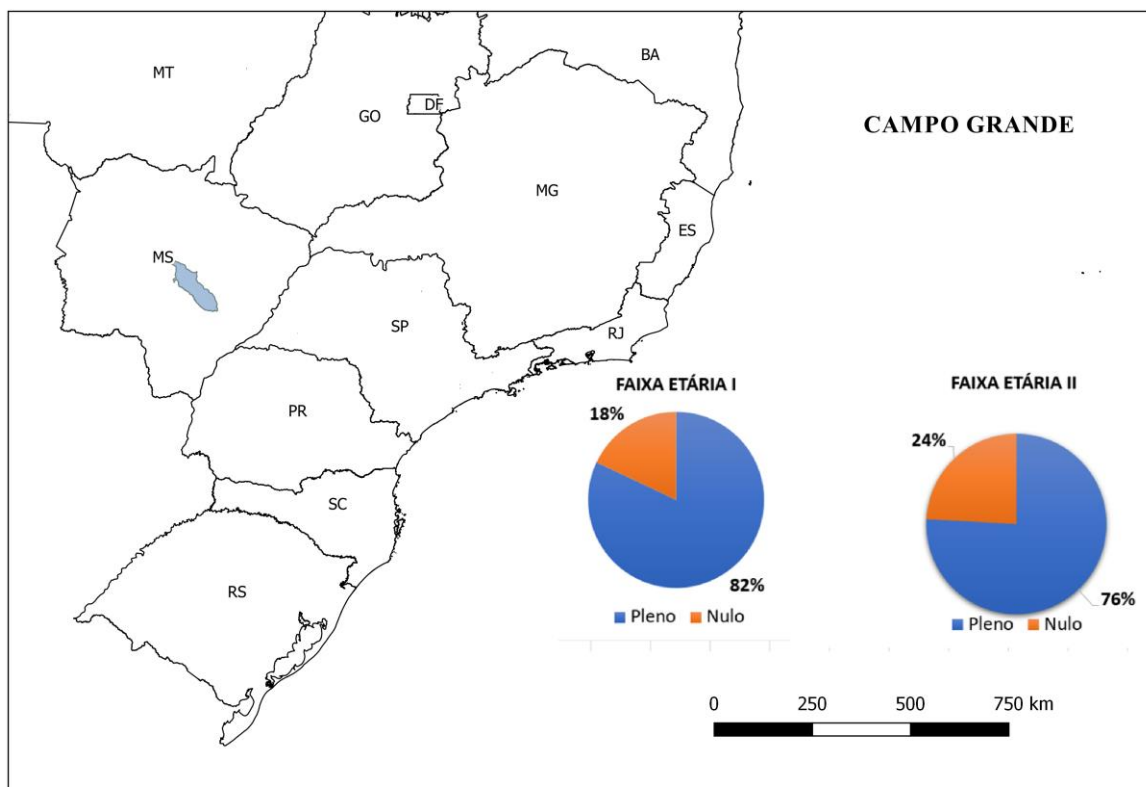
Figura 13 – Distribuição de plenos e nulos em Cuiabá para ambas as faixas etárias.



Fonte: A própria autora.

Já a capital do Mato Grosso do Sul obteve 82% (73 ocorrências) de sujeitos plenos para a faixa I, contra 18% (16 ocorrências) de nulos e a faixa II contou com 76% (82 casos) de plenos e 24% (26 casos) de nulos, segundo é exposto na Figura 14. Nesta capital, a faixa etária I escolheu mais o pronome pleno do que a II.

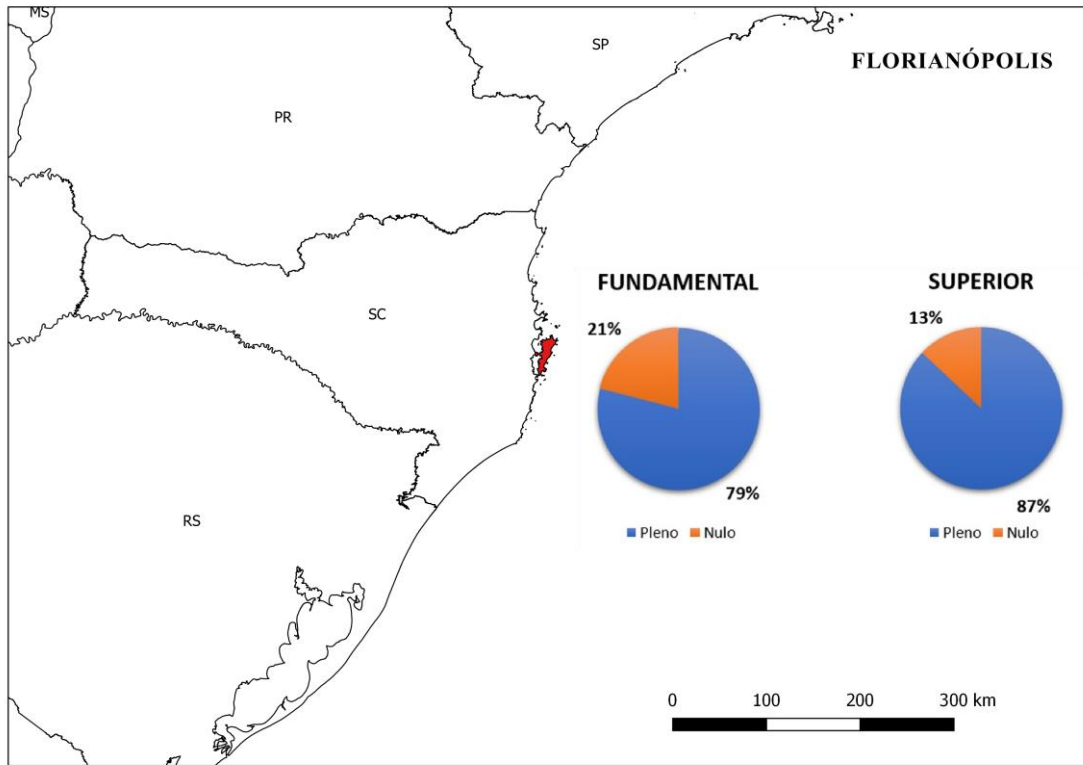
Figura 14 – Distribuição de plenos e nulos em Campo Grande para ambas as faixas etárias.



Fonte: A própria autora.

Conforme é visto na Figura 15, a distribuição do uso do sujeito pleno e nulo para a variável grau de escolaridade distribuiu-se da seguinte maneira em Florianópolis: 79% (64 ocorrências) de sujeitos plenos e 21% (17 ocorrências) de nulos para os informantes com Ensino Fundamental, já os de Ensino Superior tiveram 87% (214 casos) de plenos e 13% (32 casos) de nulos. Averigua-se que os falantes com mais escolarização optaram mais pelo uso pleno.

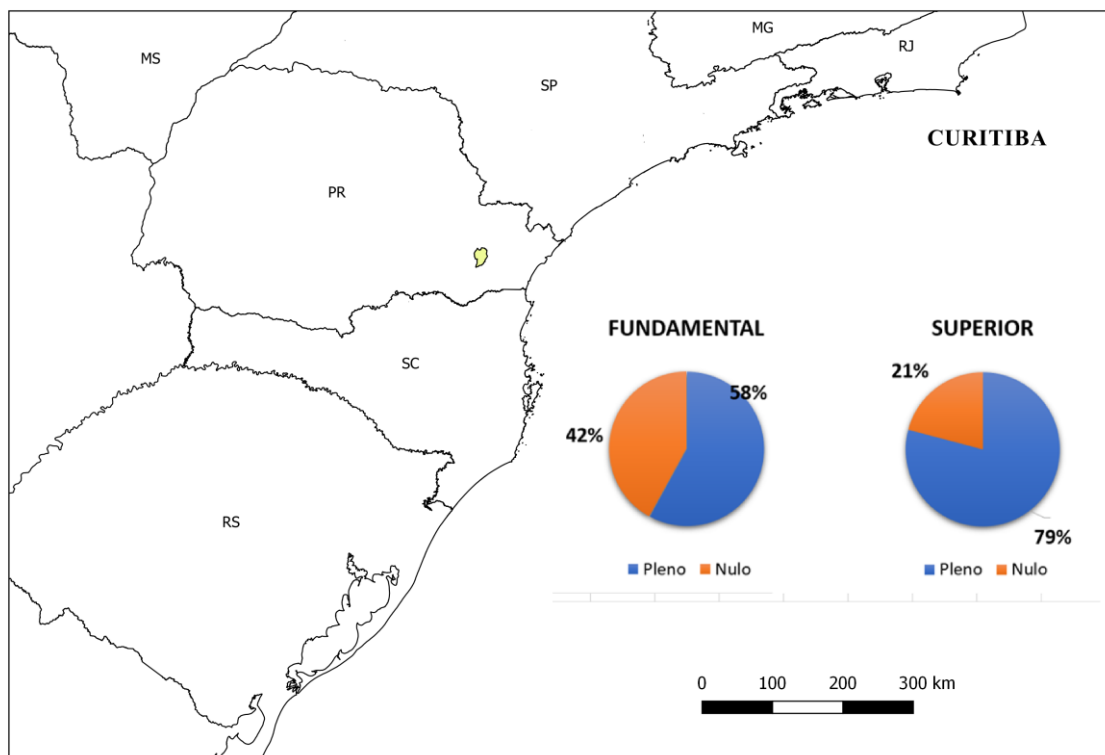
Figura 15 – Distribuição de plenos e nulos em Florianópolis para o grau de escolaridade.



Fonte: A própria autora.

Em Curitiba, verifica-se 58% (40 ocorrências) de sujeitos plenos e 21% (17 ocorrências) de nulos para os informantes menos escolarizados, já aqueles com Ensino Superior obtiveram 79% (144 casos) de plenos e 21% (30 casos) de nulo. Esta disposição dos resultados é mostrada na Figura 16, percebe-se que os falantes com maior tempo de escolarização usaram mais o pronome pleno.

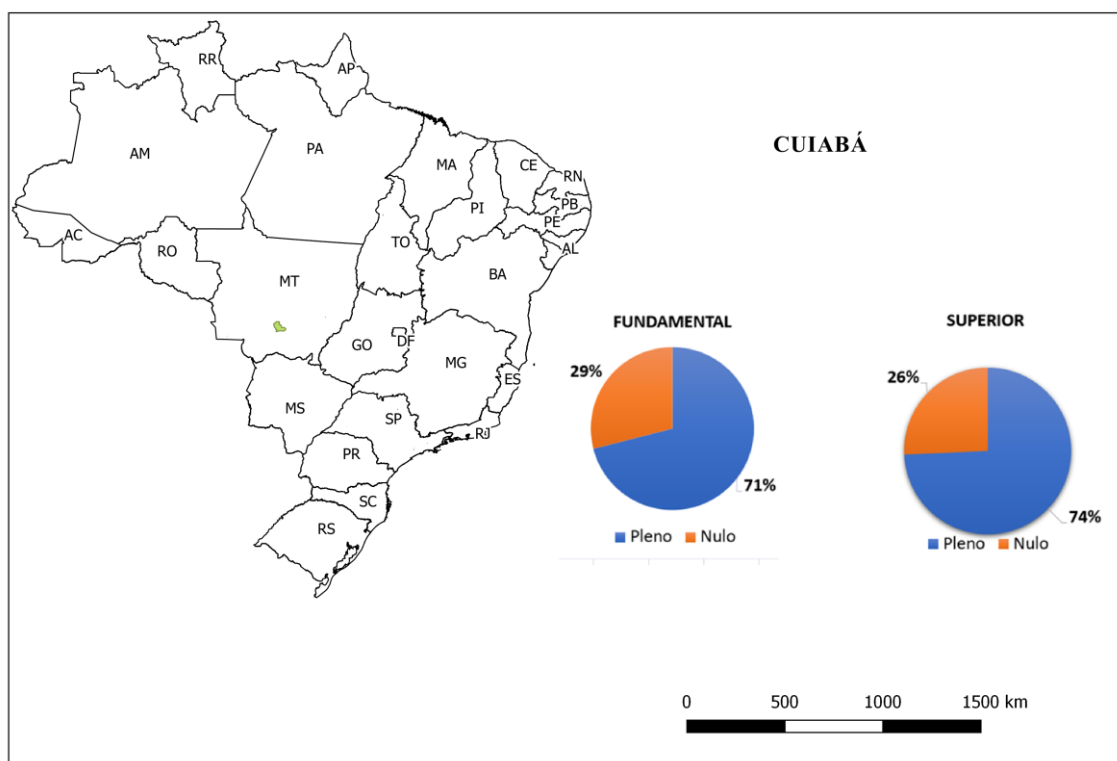
Figura 16 – Distribuição de plenos e nulos em Curitiba para o grau de escolaridade.



Fonte: A própria autora.

Na capital do Mato Grosso, também predominou o uso pleno por falantes de Ensino Superior, com 74% (254 ocorrências) de sujeitos plenos, contra 26% (88 ocorrências) de nulos. Para os de Ensino Fundamental, foram 71% (49 casos) de plenos e 29% (20 casos) de nulos, segundo ilustrado na Figura 17:

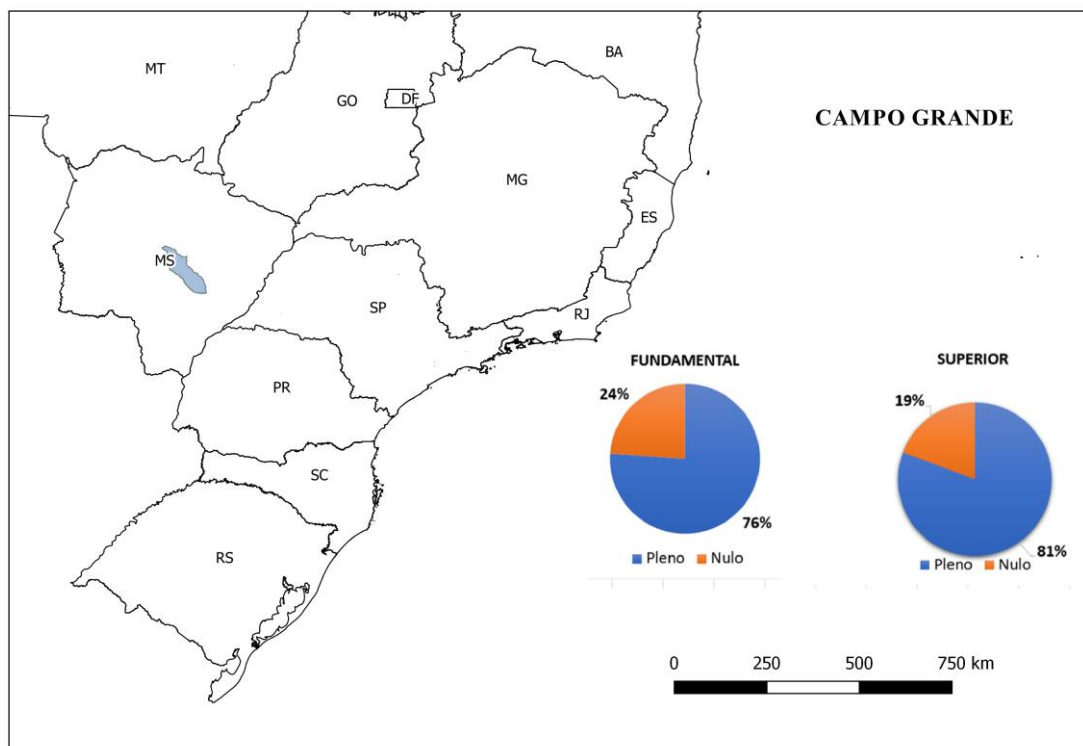
Figura 17 – Distribuição de plenos e nulos em Cuiabá para o grau de escolaridade.



Fonte: A própria autora.

Por fim, a disposição de plenos em Campo Grande foi 81% (88 ocorrências) para os falantes de Ensino Superior e 76% (67 ocorrências) para os de Ensino Fundamental, em contraposição, este obteve 24% (21 casos) de nulos e aquele 19% (21 casos) de pronomes nulos. Segundo está exposto na Figura 18, mais uma vez os falantes mais escolarizados realizaram o uso pleno com maior frequência do que os com menos escolaridade.

Figura 18 – Distribuição de plenos e nulos em Campo Grande para o grau de



escolaridade.

Fonte: A própria autora.

Conforme foi averiguado durante a análise, o uso pleno foi predominante nas quatro capitais, parece indicar mudança em curso em todo território brasileiro. Há, assim, a necessidade de mais estudos em outras Regiões para analisar se são confirmados os resultados encontrados aqui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados obtidos, nesta dissertação, constatou-se que a hipótese inicial foi confirmada. De fato, a forma inovadora plena é o uso predominante no falar dos 32 informantes, indicando, assim, uma mudança em progresso. Um exemplo: “**Eu** fiquei bem feliz quando **eu** passei no vestibular”.

Essa mudança paramétrica ocorre, primeiramente, na mente de cada indivíduo, de modo que já atingiu comunidades de fala, um grupo de fala, ou seja, que passam pela mesma alteração na polaridade do parâmetro *pro-drop*.

Quanto aos objetivos propostos nesta pesquisa, verificou-se quantidade significativa de dados com o uso pleno do pronome *eu* (66.6%), possivelmente pelo tipo de gênero – relato. A segunda pessoa mostra-se pouco frutífera, por não haver necessidade de interagir ou chamar o interlocutor, já a terceira pessoa ocorreu em casos de relato impessoal, quando o falante conta sobre um amigo ou familiar. Ainda assim, baixa ocorrência se comparada àquela que ocupa a primeira posição. Por esse motivo as outras pessoas foram excluídas desta análise. Vale ressaltar que a primeira pessoa do singular foi isolada também pela necessidade de se olhar a única desinência ainda distinta no PB e comparar com outros estudos para verificar se a mudança está estável ou continua em curso.

Ainda, outro fator linguístico testado e descartado foi o modo verbal, por causa do tipo de narrativa, pois o relato é contado com fatos que ocorreram com o falante ou com alguém conhecido e isso incita o modo indicativo, pois trata-se de um acontecimento concreto, real, dito como certo. Com isso, há somente uma única variante para o modo verbal.

Especificamente, neste recorte, foi proposto voltar-se às variáveis extralinguísticas, demonstraram resultados similares para ambos – sexo feminino e masculino, faixa etária I e II, grau de escolaridade: Ensino Fundamental/Ensino Superior, indicando que o fenômeno atinge todos os níveis.

Apesar de serem dados que inicialmente foram coletados pela equipe do ALiB com base na metodologia da Geossociolinguística, os registros das capitais permitem análises de cunho sociolinguístico quantitativo e, conforme visto nesse estudo, também permite a análise em nível sintático, demonstrando a abrangência do trabalho feito por esse grupo.

Como mostraram os resultados, um total de 78,7% de sujeitos plenos para uma desinência verbal que ainda pode ser reconhecida sem o pronome pessoal de primeira pessoa do singular foram encontrados. Em um estudo, Menon (2002) asseverou que a necessidade de preencher com o pronome já ocorreu na própria transição do latim ao português, pois houve a inclusão da 3.^a pessoa como pronome, categoria que não existia na língua latina e que “uma criação de tal amplitude nas línguas românicas não teria ocorrido se não fosse importante e necessário evidenciar o sujeito” (MENON, 2002, p.162).

Averiguar os fenômenos da língua por um viés sociolinguístico é fundamental, pois, consoante a Marcuschi (2007, p.44), “tornou-se hoje comum postular que o uso social da língua tem efetivamente um papel relevante na construção do conhecimento”. Ainda, Haliday (1974, p.17, apud Rajagopalan, 2010, p. 34) afirma que “um homem falando não é conversa, homens falando, sim”.

O presente estudo propôs-se a desmitificar algumas questões sobre o sujeito pronominal que ainda “pairam no ar”, como o uso expresso do pronome eu. Apesar de trazer aporte para a descrição do PB e contribuir para um ensino de língua materna livre de preconceito, entende-se que, como qualquer pesquisa, esta não finda aqui, há muito ainda para ser explorado, por exemplo, uma investigação nas demais localidades brasileiras, aspectos que ficam para estudos futuros.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade; ALTINO, Fabiane Cristina. Para um atlas pluridimensional: pesquisas e pesquisadores. **Alfa: Revista de Linguística** (UNESP. Online), v. 56, p. 871, 2012.
- ANTONELLI, André Luis. **Sintaxe da Posição do Verbo e Mudança Gramatical na História do Português Europeu**. Tese de doutorado. Unicamp, Campinas, 2011.
- ANTONIO, Juliano Desiderato; BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. O sujeito: uma visão sócio-pragmática. **Acta Scientiarum** (UEM) , Maringá, v. 21, p. 43-49, 1999.
- AVELAR, Juanito. Inversão locativa e sintaxe de concordância. **Matraga**, 16, 232-252, 2009.
- AVELAR, Juanito and Charlotte Galves. O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro. **Revista Linguística** (Online), v. 30, pp. 241-288, 2014.
- BAKER, Mark C. **The Atoms of Language**. New York: Basic Books, 2001.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37.a Ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009.
- BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. **A elipse do sujeito pronominal na linguagem falada do Paraná: uma análise variacionista**. Dissertação de mestrado. UFPR, Curitiba, 1998.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia Botassini; SOUZA, Adriana dos Santos. (2009). A variação no uso dos pronomes nós e a gente. **Anais do SILEL**. Volume 1. Uberlândia: EDUFU.
- CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 44.a Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. O Projeto ALiB e sua trajetória. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (orgs.). **Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Documentos 2. Salvador: Quarteto, 2006.
- CARDOSO, S. et al. **Atlas linguístico do Brasil**. Cartas linguísticas 1, vol. 2. Londrina EDUEL, 2014.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil: Questionários**. Londrina: Eduel, 2001.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: **Manual de linguística**. Mário Eduardo Martelotta. São Paulo: Contexto, 2012.

CHOMSKY, Noam. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht, Foris, 1981.

CHOMSKY, Noam. **The Minimalist Program**. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

CYRINO, Sonia Maria Lazzarini; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; KATO, Mary Aizawa. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary Aizawa; NEGRÃO, Esmeralda Vailati (orgs.). **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter**. Frankfurt am Main, Vervuert/ Madrid, Iberoamericana, 2000, pp. 55-73.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. Tese de Doutorado: Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 1995.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (orgs.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo**. 2.a ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, pp. 107 – 128, 1996.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. O sujeito nulo no Português Brasileiro. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de.; CYRINO, Sonia; MORAIS, Maria A. Torres. **História do português brasileiro**. Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista | Vol. 6. São Paulo: Contexto, pp. 28-71, 2018.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FARACO, Carlos Emilio; MOURA, Francisco Marto. **Gramática**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

FERREIRA, Delson Gonçalves. **Análise Sintática**. 4.a Ed. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares S.A., 1965.

GALVES, Charlotte. **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

GRAVINA, Aline Peixoto. **A Natureza do Sujeito Nulo na Diacronia do PB: estudo de um corpus mineiro (1845-1950)**. Dissertação de mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2008.

GUIMARÃES, Maximiliano. **Os fundamentos da teoria linguística de Chomsky**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumento de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

HOLMBERG, Anders; NAYUDU, Aarti; SHEEHAN, Michelle. Three partial null-subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. **Studia Linguistica**, 63: 59-97, 2009.

HORA, Dermeval da. Teoria da Variação: Trajetória de uma proposta. In: **Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. Dermeval da Hora (org). João Pessoa, PB: ILAPEC, 2004.

HUANG, James C. T. **On the distribution and reference of the empty categories**. *Linguistic Inquiry*, 15, pp. 531-574, 1984.

ILARI, Rodolfo. **O português da gente: a língua que estudamos e a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2011.

KAILER, Dirce Aparecida. **Vogais pretônicas /e/ e /o/**: um estudo em tempo aparente. Tese de doutorado. Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2008.

KANNO, Kazue. The acquisition of null and overt pronominals in Japanese by English speakers. In: **Second Language Research**, vol. 13, no. 3, pp. 265-287, 1997.

KATO, Mary. A evolução da noção de parâmetros. **DELTA**, vol.18, n.2, pp.309-337, 2002.

KATO, Mary Aizawa; DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. **Restrições na distribuição de sujeitos nulos no português brasileiro**. *Veredas: sintaxe das línguas brasileiras*, Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p. 1-22, 2014.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013. pp. 177-208.

KENEDY, Eduardo. Sintaxe Gerativa. In: OTHERO, Gabriel de Ávila; KENEDY, Eduardo (orgs.). **Sintaxe, sintaxes: uma introdução**. São Paulo: Contexto, pp. 11 – 26, 2015.

KINN, Kari; RUSTEN, Kristian A.; WALKDEN, George. Null Subjects in Early Icelandic. In: **Journal of Germanic Linguistics**, v. 28(1), pp. 31-78, 2016.

KROCH, Anthony. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. **Language Variation and Change** 1, 1989, pp. 199-244.

KURY, Adriano da Gama. **Novas Lições de Análise Sintática**. SP: Ed.Ática, 2000.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOPES, Célia Regina dos Santos; RUMEU, Márcia Cristina de Brito. O quadro de pronomes pessoais do português: as mudanças na especificação dos traços

intrínsecos. In: **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. 1 ed. São Paulo/Campinas : FAPESP/Pontes Editores, 2007, v.1, p. 419-436.

LOPES, Célia Regina. Pronomes Pessoais. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 2.a Ed. São Paulo: Contexto, 2018.

MAGALHÃES, Telma Moreira Vianna. **O sistema pronominal sujeito e objeto na aquisição do português europeu e do português brasileiro**. Tese de doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2006.

MARCUSCHI, Luiz A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARINS, Juliana Esposito. **O Parâmetro do Sujeito Nulo: uma análise contrastiva entre o português e o italiano**. Dissertação de mestrado. UFRJ, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2009.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Teorias da mudança lingüística e a sua relação com a(s) história(s) da(s) língua(s). **Linguística - Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto**, Porto, v. 3, p. 39-53, 2008.

MENON, Odete Pereira da Silva. O sistema pronominal do português do Brasil. **Revista Letras**, v. 44, pp. 91 – 106, 1995.

MENON, Odete Pereira da Silva. Uso do pronome sujeito de primeira pessoa no português do Brasil. **Organon (UFRGS)**, Porto Alegre, v. 14, n. 28-29, pp. 157 – 177, 2002.

MIOTO, Carlos; Silva, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth. **Novo manual de sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2016.

MODESTO, Marcello. O programa minimalista em sua primeira versão. In: Leonel Figueiredo de Alencar; Gabriel de Ávila Othero. (Org.). **Abordagens computacionais da teoria da gramática**. 1.a Ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, v. , p. 127-152, 2012.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia Portuguesa**. Campinas: Pontes Fortaleza: 2002.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Preenchimento do sujeito pronominal e concordância variável no português brasileiro. In: NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, pp. 161-177, 2007.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística**. São Paulo: Contexto, pp. 43-50, 2015.

PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Pós-fácio: Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica de Carlos Alberto Faraco; pós-fácio de Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística**. São Paulo: Contexto, pp. 33-42, 2015.

PASCHOALIN, Maria Aparecida. **Minigramática**. São Paulo: FTD, 1997.

PINKER, Steven. **The language instinct: The new science of language and mind**. London: Allen Lane, the Penguin Press, 1994.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

RADFORD, Andrew. **Minimalist Syntax: exploring the structure of English**. New York: Cambridge University Press, 2004.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Aspectos sociais da pragmática. In: RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Nova pragmática: fases de feições de um fazer**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 31 – 44. Capítulo traduzido por Claudina Nogueira de Alencar, do inglês “Social Aspects of Pragmatics”.

RAPOSO, Eduardo. **Teoria da gramática**. A faculdade da linguagem. Caminho, 1992. RIZZI, Luigi. **Issues in Italian syntax**. Dordrecht: Foris, 1982.

ROBERTS, Ian; HOLMBERG, Anders. Introduction: parameters in Minimalist theory. In: BIBERAUER, Theresa et al. (orgs.). **Parametric Variation: null subjects in Minimalist theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1-57, 2010.

ROBINSON, John; LAWRENCE, Helen; TAGLIAMONTE; Sali. **GoldVarb 2001: A multivariate analysis. User's manual**. Outubro, 2001.

SILVA, Humberto Soares da. **O parâmetro do sujeito nulo: confronto entre o português e o espanhol**. Dissertação de mestrado. UFRJ, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, Humberto Soares da. **Evidências da mudança em dados da língua- E: o sujeito pronominal no português e no espanhol**. Tese de doutorado. UFRJ, Faculdade de Letras, 2011.

SILVA, Humberto Soares da. Sobre o alcance da sociolinguística no estudo da mudança paramétrica: uma perspectiva interlinguística. In: **Working Papers em Linguística**, Santa Catarina, n.13, v. 2, p. 47-65, 2013.

TARALLO, Fernando. The filling of the gap: Pro-drop rules in Brazilian Portuguese. In: KING, Larry Duggins; MALEY, Catherine A. (orgs.). **Selected papers from the XIIIth Linguistic Symposium on Romance Languages**. Amsterdam, Philadelphia, J. Benjamins, 1985, pp. 355-375.

TARALLO, Fernando; KATO, Mary. **Harmonia trans- sistêmica: variação intra- e inter-linguística**. Campinas: Predição, v. 6, pp. 1-41, 1989.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7.a Ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística**. São Paulo: Contexto, pp. 51-57, 2015.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.